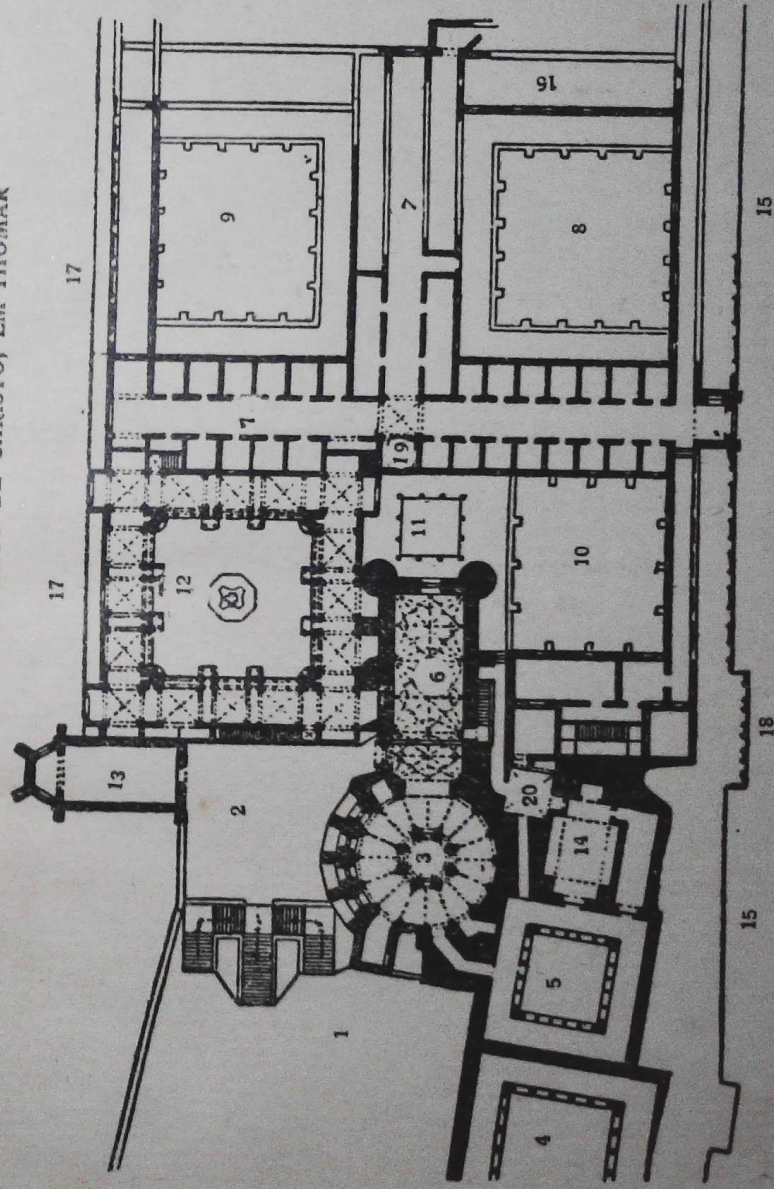
# MONUMENTOS DE PORTUGAL

## THOMAR

## PLANTA DE PARTE DO MONUMENTO DE CHRISTO, EM THOMAR

*1—Terreiro. 2—Terraço. 3—Charola. 4—Claustro da Lavagem. 5—Claustro do Cemitério ou do Infante D. Henrique. 6—Egreja. 7—Dormitórios. 8—Claustro da Mixa. 9—Claustro dos Corvos. 10—Claustro da Hospedaria. 11—Claustro de Santa Bárbara. 12—Claustro de D. João III. 13—Casa do Capitulo, incompleta. 14—Sachristia Nova. 15—Fachada Norte. 16—Inquisição(?). 17—Fachada sul. 18—Portaria 19—Capella do Cruzeiro. 20—Corredor dos confessionários.*

VIEIRA GUIMARÃES

Prof. do Lyceu de Camões, Sócio da Real Academia de Historia de Madrid,
da Academia de Sciencias de Lisboa, Commendador da Ordem de Christo, etc.

# THOMAR

**Noticia Histórico-Archeologica e Artistica
do Monumento de Christo e das Egrejas de Santa Maria
dos Olivais, de Santa Iria e de S. João**

Photographias de Alvão & C.a
Capa de Amoroso Lopes
Desenhos de Manoel Abella y Fernandez

**1929**
**Litografia Nacional—Edições**
**PORTO**

# THOMAR

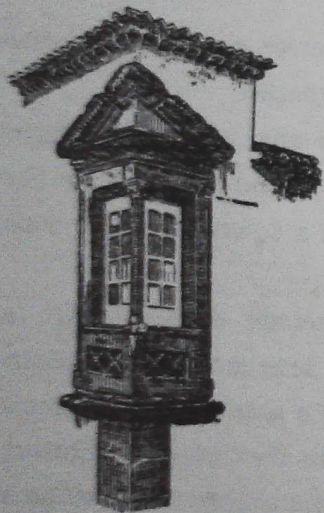
NÃO é facil empreza o escrever-se em poucas paginas sobre esta notabilissima povoação.

É esta cidade tam rica em arte, história, paysagem e industria, que difficil será encontrar outra em Portugal, na relatividade da sua grandeza, que a eguale e, muito mais, que a supplante.

A sua arte inicia-se na segunda metade do seculo XII, e, vindo a engalanar-se pelas eras futuras, os seus monumentos alcançam o maximo de esplendor, originalidade e patriotismo, no seculo XVI, em que D. Manoel, o opulento Mestre da Ordem de Christo, recebe acabada das mãos do insigne architecto João de Castilho a maravilhosa egreja da casa mestral da sua Ordem e D. João III, das mesmas mãos, o magestoso e *renascido* Convento em que vai installar uma nova Ordem de frades.

A sua história, como Sellium e Nabancia, perde-se nos remotos tempos dos Césares e dos neó-christãos, e como Thomar, clara e documentada, apparece-nos de 1160 em deante, accentuando-se, cada vez mais, em paginas bellas, heroicas e progressivas.

A sua paysagem fere a retina mais insensivel, ao contemplál-a, com a sua polychromia, com a sua exhuberancia e com o seu estadear de galas e encantos, não se sabendo bem dizer em que estação se nos apresenta mais bella, quando risonha, verdejante e farta nos radiosos estios, quando amarellenta, desfolhada e terna sob o tépido sol de inverno que, em dias inebriantes de luz, lança, do alto azul dos céus, como que um manto dourado que a envolve n'uma luminosidade encantadora e límpida de formosa aguarella.

D. Sebastião deu-lhe o titulo de *notavel*, nós hoje melhor a intitularemos de *bella*.

Janella de canto do Palacio do Prior-Mór

É vêl-a, n'uma ou n'outra estação, do alto da alcáçova.

Ao oriente descem para nós, em doce gradação, as collinas airosas e enrugadas que separam as bacias do truculento Zézere e do brando Nabão; ao sul estendem-se n'um acabar espaçado as feracissimas margens do mesmo; ao poente, por detraz de nós, posta-se a molle magestosa e sublime do Monumento de Christo e ao norte ergue-se o dôrso da Alvaiázere, a arca prenhe da lympha que tornou em paradisiaca varzea o rincão, onde, a nossos pés se levanta a arruada casaria da cidade, atalaiada, aqui, pela elegante torre de S. João e, acolá, pelo massiço e forte, outr'ora, baluarte de Santa Maria.

Não é vasto o admiravelmente lindo horizonte.

Se não é da vastidão d'um Sameiro, d'um Bussaco, d'uma



Santarem, d'uma Abrantes, d'uma Palmella, d'uma Evora ou d'uma Beja, é, no emtanto, d'um aconchêgo, d'uma harmonia de tons, de grandezas historicas e d'uma attração que encanta, e d'uma lindeza que nos enfeitiça.

De todo este quadro recebe-se o meigo e suave encanto da belleza, mas tambem a nossa alma soffre a forte e saüdosa commoção de contemplar d'alli o palco celebre e honroso, onde tres civilisações se succederam: a romana, a neó-christã e a ogival, estando esta intimamente ligada á mais brilhante dynastia portugueza, a *Joanina*, cujos reis fizeram de Thomar a sua côrte e lhe deram o brilho e a riqueza artistica que tanto hoje nos orgulha, pelas suas admiraveis obras de que passamos a dar uma breve noticia, sentindo que seja com a nossa pouquidade.

Comecemos pelos monumentos da parte baixa da cidade e encaminhemo-nos, passada a ponte, para o mais antigo.

## EGREJA DE SANTA MARIA DOS OLIVAIS (1)

Não cuide o leitor que vai pisando o mesmo sólo de ha seculos. Esse, as enxurradas e os alviões de innumeras gerações fizeram-no afundar, não nos permittindo hoje vêr e pisar o que os sellienses cobriram de ruas e habitações. Com todas as probabilidades foi por aqui a povoação de *Sellium*, que ressuscitámos na nossa *Santa Iria* (2), localisando-a no triangulo formado pelo Nabão e pelo ribeiro que hoje se denomina das *Canas*, tendo por base uma linha que ia pelas, ao presente, ruas Larga, Pôças, Cascalheira e Santo André, no centro do qual tantas memórias já fôram encontradas a attestál-a.

Fundada pelos romanos, destruida foi pelas hordas barbaras, até que por Nabancia seria denominada passageiramente ao ali serem erguidos dois cenóbios, um de frades e outro de freiras, que tanta retumbancia tiveram, pelos annos de 653, quando da morte da martyr e virgem Iria, tragico acontecimento que de novo trouxe a ruína ao sitio, a qual mais se accentua, 58 annos depois, pelas *razzias* d'um Tarik e de seus successores. Abrandadas estas, apoz alguns seculos, e estendida a reconquista até ás margens do Tejo,

(1) Monumento nacional.
(2) *Thomar-Santa Iria* — Vieira Guimarães.

aproveitadas fôram, d'esses destroços, suas pedras, algumas das quais Gualdim Paes fez carrear para o alto do monte fronteiro, afim de fazer a sua inexpugnavel fortaleza, e outras para reconstruir a egreja, desde os seus fundamentos, de Santa Maria de Selho, do antigo convento, onde foi abbade o tio da tam formosa quam requestada Iria, o celebre *Dom Selho,* denominações estas que a tradição conservou por bastante tempo em memória da romana *Sellium.* Decerto, foi construida essa egreja em estylo romanico, pois proprio era da época de setecentos; porém, os obreiros de Gualdim Paes, já na segunda metade do seculo XII, tendo percorrido mundo o seu patrão, novo estylo, o ogival, embora muito simples, n'ella empregaram, não nos offerecendo duvida isso, por ser mandada construir por templarios, em virtude de duas principais razões: a primeira ser esta egreja destinada ao culto publico dos habitantes da nova povoação e Gualdim Paes, espirito intelligente e instruido, como provas sempre deu, querer imprimir-lhe novidade; a segunda o ter elle já edificado, ou ir edificando, na sua fortaleza, edicula apropriada ao culto particular da sua Ordem e em estylo peculiar a ella, o byzantino.

Figura esculpida no Convento de Christo



Fôsse porque fôsse, levantada por elle foi, pois todas as memorias assim o indicam, tomando logo fóros de diocese e honras de pantheon dos mestres da heroica Ordem, que tomou por cabeça a nova terra, que d'óravante o brando e poetico Nabão começou a beijar com suas aguas crystallinas.

Vejamos o seu exterior e reparemos que, depois de construida, as terras movediças crescentes fizeram com que uma escada fôsse feita afim de sustêl-as, para não irem de enxurrada para dentro do templo.

A fachada d'este é voltada ao occidente e é formada por três partes: duas lateraes eguais, onde se abrem respectivamente duas janellas bipartidas e trilobadas, e a outra, ao centro, alta e elegante, indo acabar em duas aguas.

Separadas estas partes por dois contrafortes, salienta-se entre elles a porta principal, cujas hombreiras são formadas por fiadas de pedra, encimadas pelo entablamento, donde se levantam os arcos em ogíva, tendo por cima a divisa templaria: o *signo salomónico,* no breve e ponteagudo frontão.

Poucos centimetros acima do vertice d'este abre-se o *espelho* ou rosacea, que estamos em crêr que da epocha de Gualdim Paes não seja, não sabendo nós se virá esse augmento do tempo em que se fez um pobre côro que no mestrado de D. Manuel já existia e que talvez o Infante D. Henrique alli mandaria construir, pelo grande incremento que a Ordem de Christo teve em seus dias.

É a elegante rosacea formada por doze folhas recortadas em três lobulos, sendo todas enfeitadas por uns cordões circulares que as reforçam, indo todas morrer n'um pequeno óculo.

Vidros de côr as fecham, pelos quais o sol poente esparge, no interior da egreja, uma luz suave, terna, consoladora das almas

que alli vão, em preces sentidas, levantar seus rogos a N.ª S.ª da Annunciação, orágo secular d'essa matriz que, principiando por ser a da pequena povoação de Thomar, depois se estendeu a todos os dominios da Ordem do Templo em Portugal e mais tarde a todas as egrejas que a celebre Ordem de Christo edificou pela Europa, Africa, Asia, America e Oceania.

Columna do interior da janella do baixo côro ou sachristia manoelina

Entremos e desçamos os sete degraus caracteristicos da epocha da sua fundação.

Patenteia-se dividida em três naves, que são separadas por oito feixes de columnas com capiteis muito reduzidos em suas molduras, d'onde se levantam dez arcos ogivais, d'uma grande simplicidade em seu apparelho, seguindo-se-lhe as paredes sustentadoras do tecto, condizendo tudo grandemente com a epocha em que foi erguida.

Estas três naves, que têem de comprimento cada uma 25m,95, tendo o templo de largura 15m,5, vão morrer: a do centro na capella-mór e as outras, lateraes, em capellas correspondentes.

A capella-mór, abobadada, compõe-se de duas partes, divididas por um arco ogival; uma é recta em extensão de 3m,4, cuja abobada é cruzada por dois arcos n'um feixe que se liga ao centro da abobada geral por um cordão de cantaria lisa, como a dos arcos, e a outra fórma um heptagono, de cujos angulos sahem sete arcos ogivais que vão findar n'um feixe floreado.



Entre estas ogivas abrem-se sete elegantes frestas que illuminam largamente a egreja.

As pequenas capellas lateraes tambem são abobadadas, communicando-se todas três por duas portas.

Exteriormente, os angulos do heptagono são amparados por apropriados contrafortes divididos por três esbarros, formando um conjuncto muito agradavel á vista pela elegancia das suas partes e pela côr que a pedra da *Pedreira* tem tomado.

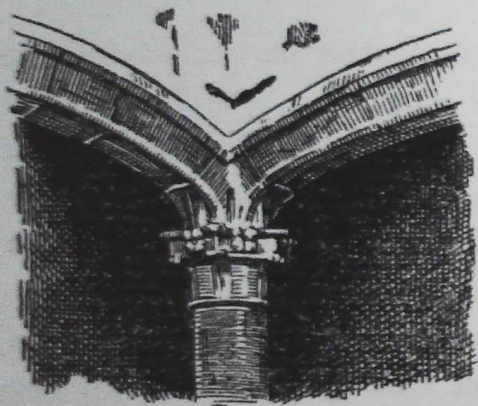
Soffreu esta egreja modificações com o andar dos seculos e com as prosperidades da Ordem de Christo, mas a caracteristica do seculo XII manteve-se.

A grande obra do seu glorioso fundador, Gualdim Paes, subsistiu sempre, impondo-se mesmo às mutilações e desrespeitos do tempo de D. João III, não sabendo nós quais as mutilações que D. Manuel lhe fez, como dizem alguns criticos d'arte.

Creando o *Piedoso* o convento para a nova ordem de frades, agarrado à estupenda egreja que D. Manuel mandou levantar, adjunta à vetusta fortaleza templaria, necessario foi arranjar altares para os serviços divinos d'esse maior numero de sacerdotes.

Afim d'isso e de não pejar tambem as naves, em virtude de Thomar ter augmentado de população, fôram abertas, na parede do sul, umas capellas, embora se tivessem desalojado de seus tumulos os restos venerandos dos gloriosos mestres templarios, Gualdim Paes e outros, que alli tinham jazida.

Todavia, para memória d'estes restos, embutidas nas paredes da segunda capella fôram seus epitaphios, tendo só até hoje apparecido o do ínclito fundador de Thomar e o do illustre Lourenço Martins, penultimo mestre da Ordem do Templo [1].

Por cima d'essas capellas uma varanda foi corrida com seu telheiro para protecção das abobadas, tendo serventia por uma escada sahida da sachristia, tambem construida, segundo uma data que tem, em 1536, decerto anno ou um dos annos de toda a obra joanina.

Columna e arranques dos arcos abatidos do claustro de Santa Barbara

N'esta sachristia accentuam-se os caractéres da renascença portugueza, cujos florões da abobada e cujo recórte da verga da janella, este semelhante aos recórtes das cellas do Convento, ao tempo em construcção, indicam ser obra de João de Castilho.

Quadros d'azulejos revestem as paredes da capella da Senhora do Rosario, sendo um d'elles muito interessante por representar um milagre operado pela Virgem n'uma mulher possuida por um *espirito mau*.

---

[1] O epitaphio de Gualdim Paes diz: *Morreu frei Gualdino, mestre dos cavaleiros do Templo em Portugal, na era de 1233, terceiro dos idos de Outubro. Este castelo de Thomar, com muitos outros, povoou. Descance em paz. Amen.* A cruz inicial da legenda, a sua graphia, o seu pautado e o seu latim barbaro, dos principios da nacionalidade, são provas sobeja d'ella ser coeva da morte do mestre, verificada em 13-X-1195, pela era de Christo.

O de Lourenço Martins, 27.º mestre portuguez, resa assim: *Aqui jaz Dom Lourenço Martins que foi mestre do templo do reino de Portugal e passou dia 1.º de maio da era de 1346.* Pela era actual o anno é o de 1308, pois entre a era de César e a de Christo ha uma differença de 38 annos.



Outras collecções d'azulejos, variados, do seculo XVII, existem na egreja.

E' digno de reparo o púlpito, tal a elegancia das suas linhas. Pertence ao cyclo joanino, cuja architectura bem o manifesta.

Muitas outras memórias tem esta egreja e longo tempo levaria a fallar d'ellas, mas só apontaremos mais que foi alli enterrado seguindo a tradição templaria, o primeiro mestre da Ordem de Christo, D. Gil Martins, cujo epitaphio, gotico, já mutilado, está collocado na capella-mór por debaixo do classico tumulo de D. Diogo Pinheiro (+1525), grande privado de D. Manuel, vigário de Thomar e primeiro bispo do Funchal.

Sahindo, pois, d'ella reparemos na quadrada torre que, affastada alguns metros, lhe fica ao occidente.

Se a tradição aqui tem fôrça, devemos vêr nas primitivas quatro paredes d'esta torre, mais salientes do sólo do que hoje, um reducto dos trabalhadores-constructores da egreja de Santa Maria para defeza das repetidas *razzias* dos arabes-berberes que ao tempo tanto infestavam estes sitios da Extremadura, enraivecidos por ter deixado de fluctuar nos altos muros de Santarem e Lisboa o verde estandarte do crescente.

## EGREJA DE SANTA IRIA

Agora volvamos á cidade e detenhamo-nos, ao pé da ponte, uns momentos na capella artistica que, pelos annos de 1536, o grande architecto João de Castilho construiu para serviço das freiras do convento de Santa Clara ou, popularmente designado, de Santa Iria.

Deve-se a fundação d'esta casa religiosa á viuva de Pero Vaz de Almeida, védor do infante D. Henrique, Mecìa Vaz Queiroz, que, comprando o sitio, celebre pelo martyrio de Iria, n'elle mandou fazer casa e egreja, onde se recolheu com suas três filhas. Morta ella e mais duas filhas, a terceira, Martha, que já era ao tempo chamada Martha de Christo, reduziu essa casa á observancia religiosa de S.ta Clara, a illustre filha de Assis.

Desde, pois, 27 de outubro de 1523, podemos contái-a entre os conventos de Thomar, embora seja de 1536 a egreja que hoje vêmos.

Mandada edificar por Pedro Moniz da Silva, que era da familia de D. Antonio de Lisboa, o poderoso Prior-mór do novo convento que D. João III andava, ao tempo, a levantar para a

nova Ordem dos freires de Christo, facil foi incumbir-se da sua feitura o talentoso Castilho, que então já tinha largado o modo architectural manuelino, de que deixou na estupenda e original egreja dos cavalleiros-navegantes a expressão mais genuinamente portugueza d'esse estylo.

Dirigido agora pelo que dos lados de Milão, Florença e Roma, se regrava em escóla e que o livro *Medidas del Romano*, de Diego de Sagredo, lhe veio patentear em suas gravuras e leituras, imprime Castilho, n'esta construcção, as novas praticas, como, aliaz, estava fazendo na nova morada dos frades de Christo, deixando-nos em sua portada e suas janellas um airoso exemplar do renascimento portuguez, sentindo nós que não esteja completa hoje a sua primorosa obra.

Columna do portal da Capella dos Valles

A portada e a unica janella hoje existentes são notaveis pela arte que presidiu á sua execução; os ornamentos dos seus elementos ostentam de sobra a sua ligação com os dos baixos e vestibulos das escadas do celebre claustro de *D. João III*, os quais pertencem ao grande architecto João de Castilho.

Dentro, de notavel, apontaremos a talha dos pequenos



altares e da capella mór [1], todos os seus azulejos, a capella mortuaria dos Valles e a sepultura do célebre pintor Vieira Serrão.

Os azulejos são valiosos pelas suas côres e pelo seu desenho, em que avultam os de ponta de diamante, tão caracteristicos do nosso seculo XVI.

A capella dos Valles é coberta com abóbada, de fortes e ornamentados artezões. Nas paredes assentam azulejos polychrómicos, d'um bello colorido.

A sua entrada é revestida de ornamentações renascença [2].

Ao lado postam-se duas columnas lavradas e nos seguintes dois medalhões com carrancas romanas, estylo da epocha.

Miguel do Valle era um algarvio que, no reinado de D. Manuel, foi nomeado escrivão da alfandega de Ormuz, onde alguns annos esteve, vindo depois para Thomar, perto da qual fez a Quinta da Guerreira, em que instituiu o morgadio de S.ta Anna da Guerreira.

Afóra a architectura renascença d'essa capella, avulta em seu altar um rico retábulo de pedra, que de suppôr é que seja da proxima serra da Fátima e, portanto, bella creação do grande fóco artistico, por essa ocasião, de Thomar. Dotado de grande relevo e primorosa contextura, é um dos melhores que possuimos no paiz e representa o seu scenario o Calvario, no momento sublime da

---

[1] N'esta capella estão sepultados o seu fundador e sua mulher, o filho, a nora e a neta dos mesmos. Esta, D. Victória de Vilhena, foi quem mandou reedificar, ornar de pinturas e dourar a obra por seu avô deixada, talvez, incompleta, se é que não estava no seu tempo já deteriorada. Este informe se deprehende dos lettreiros que encimam os brazões, com as armas dos Monizes, Silvas, Souzas e Henriques, os quais se vêem nas paredes lateraes da capella.

[2] No tympano ostentam-se as armas dos Valles — tres espadas com os copos ao alto e as pontas para baixo, abrindo-se na tabella recta da base as lettras da seguinte inscripção: *Capella de Manuel do Valle e de seus descendentes.*

célebre phrase do divino Jesus para sua angustiada Mãe, amparada pelo fiel discipulo: *Mulher eis ahi o teu filho e, João, eis ahi tua mãe.*

Figura esculpida no Convento de Christo

Da sepultura de Domingos Vieira Serrão, temos uma grande lage a indicál-a, onde estão gravadas as armas dos Serrões e uma inscripção commemorativa ([1]).

Foi este distincto pintor natural de Thomar, onde trabalhou por longos annos no artistico e opulento Monumento de Christo e tambem fez trabalhos para a capella da Universidade e para a egreja de Santa Cruz de Coimbra.

---

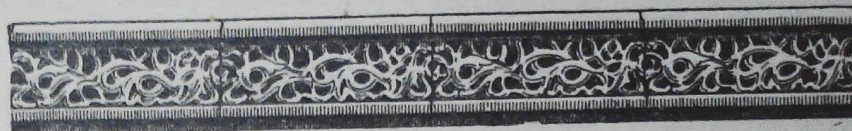
(1) Eis os seus dizeres:

SADD.OS VAR
SERAM. CAVAL.RO
FIDALDO DA CAZA
DE· S· MADDE EDE· S· MO
LHER. MADALENA.
DE FRIAS E EIDREIROS
1645

Ao brazão, na nossa obra *Thomar-Sta Iria*, assim se refere o authorisado heraldista Conde de São Payo: *Este lindissimo baixo relevo de tão puro, tão correcto e tão elegante desenho heraldico, evidentemente dos principios do seculo XVII, onde se nota a influencia da arte heraldica flamenga, para cá importada pelo sabio heraldista e primoroso artista que foi Antonio Rodrigues* o author do celebre armorial official: Livro grande d'Armaria, *representa as armas dos Serrões, que são de prata, com um leão de vermelho, armado de negro, sobre um monte ou serra de sua côr, accrescentado de uma differença e de uma* quebra: Essa *differença* é indicada pela flôr de liz do canto direito superior e significa que as armas usadas por Vieira Serrão lhe provinham do pai e do avô paterno. A *quebra*, indicada pelo filete em contrabanda, significa bastardia.





Saiámos da celebre egreja e, deixando em paz o notavel pintor e aquelle que tão altas qualidades artisticas revelou, mandando fazer a sua famosa e rica sepultura, sem sabermos, porque bullas escolheram esse templo para que alli fôssem recolhidos seus corpos, vamos a caminho da rua da Corredoura que, ainda em nossa vida, teve a elegante ornamentação de seus *frades* á beira dos passeios, do que lhe resultava um cunho muito original, imprimindo-lhe muito caracter e que uma camara bota-abaixo liberal, com um desdem incrivel pela tradição e sem cultura artistica, como muitas que se lhe seguiram, sacrificou ao desnecessario despejamento da rua, ao cabo da qual fica a egreja de S. João Baptista que faz a face nascente da formosa praça municipal.

## EGREJA DE SÃO JOÃO (1)

D. Manuel tem passado por fundador d'esta egreja, mas quer-nos parecer que foi antes uma reedificação e que vem o principio d'esta do tempo de D. João II.

O portal do sul denuncia-nos a edificação anterior e a architectura que seu principal portal, com o tympano flammejante e enriquecido por um imbricado baldaquino, apresenta, faz-nos lembrar um manuelino primitivo, isto é, do tempo do *Principe Perfeito,* vindo ainda o pelicano d'este rei, na porta lateral do norte, a dar-nos rasão.

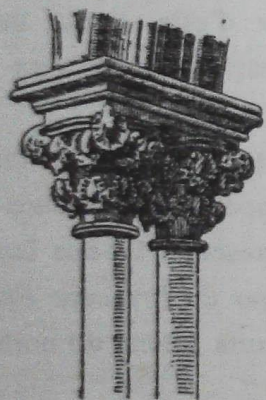
Os criticos d'arte, aliaz para nós muito mais importantes os documentos, se os houver, fallarão e dirão de sua justiça.

Virada ao occidente, a sua fachada três corpos a compõem: um, alto, sobresahindo a dois outros lateraes, havendo, na parte norte, uma torre sobremaneira elegante e na esquina, do lado do sul, um saliente relogio de sol.

O do meio é coroado por uma platibanda recta formada

(1) **Monumento nacional.**

por flôres de liz, salientando-se ao centro uma gentil estatueta, figurando S. João, não semelhante ao da portada manuelina da bella egreja de Villa do Conde, que é coberto, segundo o Evangelho, por pelles de camello, cingidas por um cinto de coiro em roda dos rins, tendo sido sustentado com gafanhotos e mel silvestre, mas aqui é vestido á guiza de cavalleiro do seculo XVI e nédio em suas carnes, postando-se de maneira a ter ao lado direito uma lança e no outro uma larga fita com a célebre divisa de Constantino: *in hoc signo vinces*.

Os lados são em declive e a torre é, sem duvida, a mais airosa que se levanta no sólo portuguez.

Capiteis do Claustro do Infante D. Henrique ou do Cemiterio

Vêr d'ella a sua bem proporcionada primeira parte, de secção quadrada, onde se salienta uma larga pedra com dois cães esculpidos, tendo um na boca uma peça de caça e perto um leão de jacente tumulo, estando outro no alto, restos decerto, de, sepultura medieva; a segunda, elegante, de secção octogonal, onde se estampa o mostrador do relogio camarario, ornamentado com figuras que fazem lembrar as alegres e tristes edades do homem, e se abrem as ogivais campanas e depois a sua varanda arrendada donde sahe o esbelto e distinto coruchéo, cortado por dois graciosos enfeites de tijolo, encimado pela symbolica esphera armillar, é vêr uma obra cheia de carácter e belleza que nos encanta e attrahe e que muito honra os distinctos artistas que n'ella trabalharam, deixando um admiravel exemplar, unico em Portugal.

A porta principal, que hoje muito se resente, em suas linhas



verticais, como todo o edificio, da supressão do *Taboleiro*, é constituida por um grande arco ogival que dois ornamentados botaréus firmam, sendo seu agudo vertice interceptado por uma composta moldura recta sustentadora de seis flôres de liz e de tres coruchéos caracteristicamente manuelinos.

Nos simples avultam a cruz de Christo e o brazão das quinas, obliquo, á borgonheza, encimado por um elmo.

Á grande ogiva finamente ornamentada, outras mais pequenas se succedem no vão da parede, abrindo-se depois o flammejante tympano com o seu riquissimo baldaquino e, á altura dos nascimentos d'aquellas, a verga da porta se lança.

Aos lados d'esta formosa portada rasgam-se duas pobres e destacantes janellas que substituiram duas pequenas aberturas que alli existiam da primitiva e no alto um muito simples óculo.

A porta da Corredoura tambem é um bello exemplar muitissimo digno de admirar e de estudar, pois os seus componentes motivos são d'uma diversidade extraordinaria e envolvem pessoas algum tanto affastadas no tempo, pois abrangem D. João II, D. Manuel e sua mulher D. Maria, o que nos faz dizer que longo periodo levou a feitura do notabilissimo monumento, vindo do reinado do primeiro, o que tambem se denuncia pela delicadeza do seu burilado tam peculiar do periodo ogival, de que o manuelino tanto se resente nos seus primeiros annos.

O pelicano, divisa de alta significação democratica que D. João II para si adoptou, a esphera armillar que, como propheticamente, aquelle soberano deu a seu primo e cunhado D. Manuel, a cruz de Christo que *O Venturoso* tomou para si e o escudo, em lisonja, de D. Maria, infanta castelhana, que em 1500 passou a ser rainha de Portugal, alli se vêem n'uma lembrança permanente

de quem, intervenção, directa ou indirecta, teve em tam peregrina obra.

A finura da execução, a ornamentação naturalista, que reveste as suas molduras, em que javalis, cães, caracois, uvas, hortos e aves, se notam e as suas tam raramente bellas pilastras salomónicas, cuja helice vai de suas bases aos arrendados coruchéus, faz-nos pensar orgulhosamente no periodo glorioso dos trabalhos scientificos, artisticos e épicos, em que Portugal levava o pendão da civilisação, não sendo as artes as que menos se revelavam e ennobreciam com fulgor extraordinario, n'essa épocha luzentissima dos seculos XV e XVI.

Porta da torre da Egreja dos Olivais (no chão, alinhadas, as aduelas dos arcos da antiga gallié)

No interior apresenta este bello templo os mesmos signais do longo periodo de gestação.

A sua planta nada de notavel offerece, pois era a vulgar no seu tempo, sendo dividida em três naves por quatro feixes de columnas, indo morrer aquellas respectivamente nas capellas: mór e lateraes. Estas são cobertas com abóbadas em concha, sendo suas paredes revestidas de bellos azulejos e as naves por simples tectos de madeira.

Ha mais duas capellas: a do S.S., obra do seculo XVIII e



a das Almas, egual na linha architectural á fronteira, vinda dos nossos dias, pois a vimos construir.

Os capiteis das columnas são exhuberantemente ornamentados e o feixe da esquerda, ao entrar, apresenta variada decoração, que contrasta com a singeleza dos demais. Do da direita pende uma graciosa pia de agua benta, oitavada, tendo esculpidas nas faces o sol, a lua, e a esphera armillar de D. Manuel I.

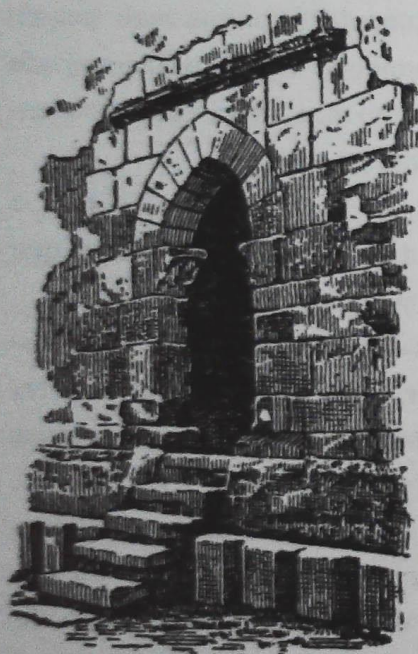
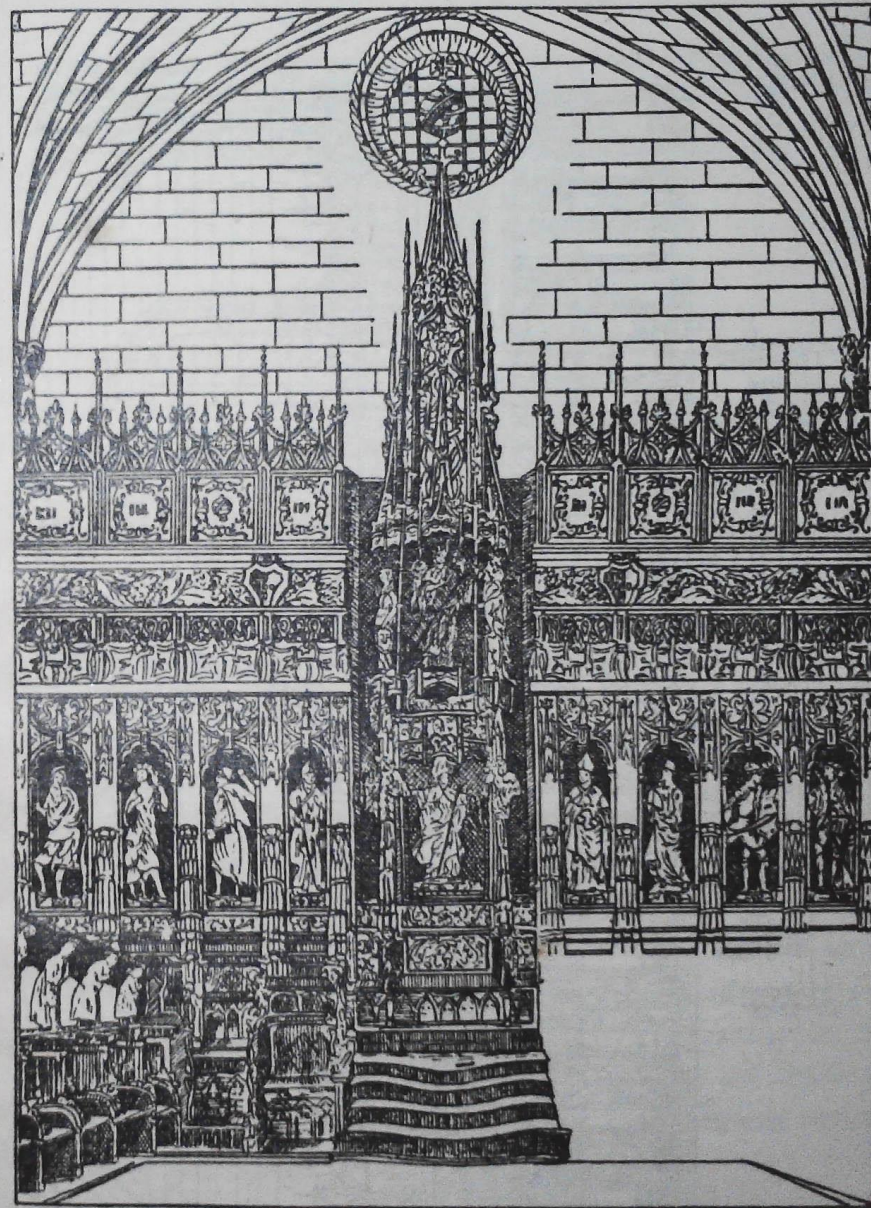
O grácil pulpito, seguro tambem n'um dos feixes, é d'uma finura e riqueza de execução e de decoração manuelina que, sem exaggero, se póde dizer que em Portugal não ha outro com que se compare.

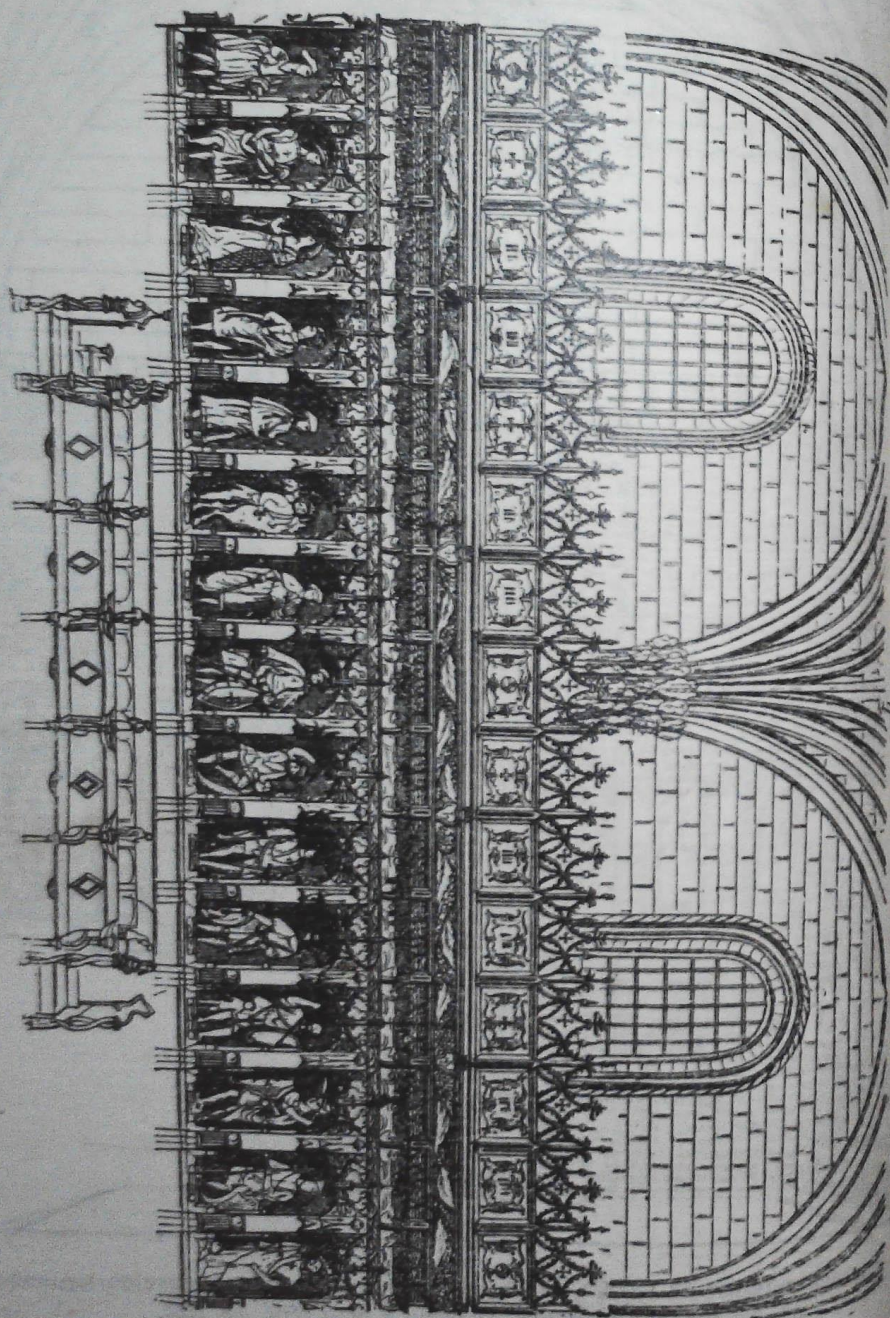
Saindo de bem lançados artesões, apresenta nas tres faces principais as esfera, a cruz de Christo e o escudo real, sendo rebordadas essas faces por uma moldura ôca ricamente lavrada, em que se salientam intercaladas folhas de cardo finamente buriladas.

È um primor, assim como primores são alguns dos ricos quadros que ornamentam a capella-mór.

Nem todas estas táboas são da mesma épocha, nem tam pouco do mesmo pincel, sem comtudo irmos aos estranhos procurar a sua auctoria, não se sabendo, porém, ao certo qual ou quais os pintores que as executaram.

Representam ellas assumptos religiosos, sendo notaveis as duas referentes á *Decapitação de S. João Baptista* e ao *Festim de Herodes Antipas*. Esta é uma das de maior valor da nossa escola de pintura e foi restaurada pelo illustre artista Luciano Freire, o qual ainda está trabalhando no restauro d'outras da mesma collecção, que a tempo se salvaram.

No altar-mór, representando o orago da Egreja, está uma

estatua de madeira que pertencia á notavel coleção que ornamentava as colunas da *Charola* no Monumento de Christo, e que ainda ali existe, menos esta que ainda espera pacientemente a sua remoção para o seu devido logar, promovida por quem de dever.

**Côro manuelino da Egreja de Christo (parte do fundo), destruido aquando da 3.ª invasão franceza.** Desenho á pena feito em 1809.
**Choeur manuelin de l'Eglise du Christ (partie centrale), détruit en 1810.**
**Manuelino Choir of the Church of Christ (central part), demolished in 1810.**

Côro manuelino da Egreja de Christo (parte lateral)
Choeur manuelin de l'Eglise du Christ (partie latérale)
Manuelino choir of the Church of Christ (side part)



## O MONUMENTO DE CHRISTO (¹)

Subamos ao monte abrupto, mas reparemos no edificio que se nos depara, n'uma curva graciosa do caminho, a dois terços d'elle.

E' a ermida de N.ª Sr.ª da Conceição (¹) que, pela construcção e pela linha da planta, é extremamente notavel, pois uma pura basilica romana representa, unico exemplar em Portugal.

É d'uma grande severidade a sua execução exterior. Na sua fachada occidental, com pilastras jonicas nos cunhais, abre-se uma portada simples, cujo frontão liso é aberto n'um pequeno óculo, ladeando-o duas janellas eguais ás restantes, coroadas com frontões, tendo seus peitoris assentes em mísulas com a singularidade da divergencia das suas linhas (²).

Em opposição á sobriedade externa, mostra-se-nos o interior, que é d'um primor e d'uma riqueza notaveis, empolgando-nos por completo o espirito. Divide-se em tres naves. As abóbadas, de berço, levantam-se da possante architrave, assente em formosas columnas corinthias; no cruzeiro ergue-se uma pequena cúpula, adornada de caixotões.

(¹) Monumento Nacional.
(²) O mesmo se observa n'um predio seiscentista da rua de Pedro Dias.

Quer os elegantes capiteis quer os adornos das bases das columnas, as folhagens, as carrancas e as demais figuras, são d'uma finura, gracilidade e pureza, que nos fazem lembrar as obras dos primeiros mestres do renascimento, com cujos talentos se enriqueceram Florença e Milão.

Não se sabe, de positivo, quem a mandou levantar, assim como quem foi o seu distincto architecto, mas certo é que é obra da segunda metade do seculo XVI e que muito ennobrece o escrinio d'arte da sempre formosa e grandemente famosa Thomar.

Percorramos, pois, o terço do caminho que falta e, passando o arco de *S. Tiago* e a *Porta do Sol*, achamo-nos rodeados pelas vetustas muralhas que fechavam outr'ora a invencivel fortaleza.

Fundada esta, no dia 1 de março de 1160 [1], por Gualdim Paes, inclito mestre do Templo, foi considerada sempre como casa-mãe d'esta notabilissima Ordem na Provincia portugueza, até que, levantada em França a tempestade, esta anniquilou a poderosa milicia.

---

[1] Assim o diz a inscripção gravada na verga da porta da torre de menagem communicando com o pavimento superior da alcáçova do castello. Eil-a:

IN: E: MC·LX̄: VIII: REGNANTE: ALFONSO
ILLVSTRISSIMO: REGE: PORTUGALIS DOMNVS
GALDINVS: MAGISTER PORTVGALENSIVM
MILITVM TEMPLI
CVM: FRATRIBVS: SVS: PRIMO DIE MARCII
CEPIT: HEDIFICARE
HOC: CASTELVM: NOMINE: THOMAR
QVOD PREFATVS REX
OBTVLIT D.........

Posta em vernaculo, diz: «Na era de 1160 reinando Affonso illustrissimo rei de Portugal, D. Gualdim Paes, mestre dos cavalleiros portuguezes do Templo, com seus freires começou no dia 1 de março a edificar este castello de Thomar, que, concluido, o rei offertou a...»

A mutilação foi feita muito depois da collocação da lápide.



Pelo que vêmos hoje, era esse castello formado por largos panos de muralha, fechando um circuito ainda assim bastante espaçoso, tendo no angulo norte-nascente a cidadela, com a sua alta torre de menagem e no norte-poente uma edificação oitavada, em estylo byzantino, que muito foi usado pelos templarios nas varias Provincias europeias para lhes servir ao culto particular.

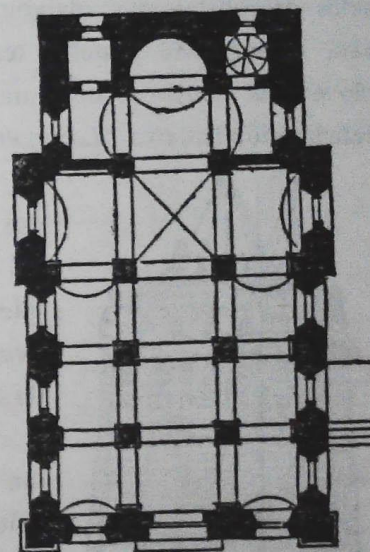
Extinctas todas essas Provincias pelo papa Clemente V, coube á nossa a sorte, devido ao tacto, talento e patriotismo, de D. Diniz, de ser continuada, embora com outro nome e de todo aportuguezada (o de Ordem de Christo), mas não coube á casa capitular de Thomar o ter a honra de ser o quartel dos novos soldados da Cruz, mas Castro Marim, por mais perto estar das gentes infieis.

Planta da Ermida da Conceição

Pouco tempo passou, 38 annos, sem que voltasse a Ordem de Christo para a villa do poetico Nabão, estabelecendo-se aqui e, acompanhando Portugal no seu progredir, contribuindo enormemente para a grande revolução politica que se operou apoz a morte de D. Fernando.

Chefiada pelo egregio D. Lopo Dias de Souza, enfileirou com os livres portuguezes que, nas pelejas heroicas contra os castelhanos, affirmaram o seu grande valor e o seu extremo patriotismo de não quererem vêr a sua

*...terra nunca de outrem subjugada.*

E quando esta tomou novo rumo — o rutilante caminho do

mar, o immortal mestre, o infante D. Henrique, toma d'ella rendimentos e homens e vai de mar em fóra, começando de sellar as novas terras com o vermelho pendão de Christo, pondo-as debaixo da sua posse espiritual, como se de Thomar fôssem.

Ainda mais fez. Como a Ordem tivesse augmentado de numero de cavalleiros pela reforma de D. Nuno, e de rendimentos pelos descobrimentos, alargou a casa mestral de Thomar, fundando para o norte do castello templario uns paços para sua habitação e dois claustros: um para *Cemiterio* e o outro para as dependencias domiciliares *(Lavagem)* dos seus valorosos cooperadores.

A Charola no seculo XV
(Segundo uma illuminura da T. do Tombo)

Dos paços só resta a fachada e dos claustros existe a linda arcaria ogival do *Cemiterio* e a arcaria do andar inferior, tambem ogival, do da *Lavagem*, jazendo pelo chão preciosos restos da arcaria do andar superior.

Constitue o claustro do *Cemiterio* um dos mais bellos trabalhos legados pelo seculo XV, o qual foi executado no mais puro ogival. É de planta quadrada e mede cada lanço 14$^{m}$,30.

Elevam-se elegante e airosamente os seus vinte arcos sobre formosos capiteis, onde estão cinzeladas com grande primor folhas de horto, videira e morangueiro, cujos agrupamentos variam de capitel para capitel. Tanto os arcos como os capiteis são sustentados por esbeltos fustes, mais pelo aprumado de suas linhas que pela grandeza dos seus diametros.

O Claustro da *Lavagem* é maior que o do *Cemiterio*, pois cada lanço mede 18$^{m}$,40. Compunha-se de galerias duplas, levan-



tadas por causa do desnivel do terreno. Estão derruídas as superiores e as inferiores ainda restam intactas, vendo-se, porém, que estas são de grossas paredes e poucos cuidados decorativos mereceram ao seu architecto, em concordancia, afinal, com o modesto fim do claustro, que no seu páteo é provido d'uma grande cisterna. Já não succede o mesmo aos pórticos superiores, que eram trabalhados com riqueza, segundo demonstram as suas pedras, pelas quais se vê que constituiam um excellente modelo do ogival do seculo XV.

Assignatura do architecto dos Claustros da *Lavagem* e do *Cemiterio*

Como os seus arcos, capiteis e columnas, eram eguais aos do claustro do *Cemiterio* póde concluir-se que fôram ambos construidos pelo mesmo architecto, o qual foi Fernão Gonçalves [1].

As gloriosas conquistas e os custosos descobrimentos vão longe e, apoz a morte do ínclito mestre D. Henrique, muito mais longe ainda vão, do que, ao thezouro da aguerrida e patriótica Ordem, adveem grandes rendas que, sob os governos de D. Manuel I, de D. João III, de D. Sebastião, dos Philippes, de D. João IV, de D. Affonso VI e de D. Pedro II, vêmos gastar muitas e muitas sommas d'ellas em Thomar, na construcção de obras para serviço dos

Bases de columnas do Claustro do Cemiterio com roda-pé d'azulejos setecentistas

[1] Foi descoberto por nós apoz longas pesquisas. O seu nome está gravado na base da columna do angulo sul-poente do claustro do *Cemiterio*. Encobria-o uma rija camada de cal, o que, a principio, nos fez enganar, lendo Alvares por Gonçalves. Está escripto em caractéres do tempo de D. Henrique, cujo mestrado durou de 1417 a 60.

cavalleiros-navegantes e dos freires, tendo de para estes se fazer o magestoso convento.

D. Manuel I, o faustoso mestre e depois rei, ao reconhecer ainda mestre que era pequena egreja a antiga edicula templaria para as praticas espirituais da sua milícia heroica, dá-lhe accrescentamento e entrega-a á phantasia artistica de João de Castilho, o qual burila, nas pedras d'essa obra maravilhosa, a história sublime da cavallaria de Christo, que não é outra senão a de Portugal, nos seculos XV e XVI.

Figura esculpida no Convento de Christo

N'ella o genial artista escreve, com os motivos architectónicos que a sua ardente imaginação cria, a expressão mais nacional do modo architectural manuelino, perpetuando as phases épicas d'essas arrojadas emprezas, que eram guiadas pela rubra bandeira de Christo no avassalamento dos elementos e na conquista das terras conhecidas e desconhecidas.

As três fachadas da soberba egreja, principalmente a do occidente com os seus expressivos e excelsos motivos, são um livro, qual outro *Lusiadas*, que bem biographam, cantam e immortalisam os épicos varões assignalados que

*Passaram ainda álem da Taprobana.*

N'ellas todas, e não só na célebre janella da sachristia dos





cavalleiros-navegantes, que, aliaz, é um dos mais notaveis trechos do manuelino, está escripta a odysseia da nobre e gloriosa missão civilisadora de Portugal.

D'alto a baixo se vêem gravadas admiravel e symbolicamente as cantarias com os elementos caracteristicos das nossas navegações, cujo heroico esforço fica assim n'ellas perpetuado. De todos, um cumpre salientar como o mais soberbo e de mór cunho dos descobrimentos portuguezes: um musculoso marinheiro, na sobredita janella, agarrando um carvalho pelas raizes (quem sabe se para o aproveitar no fabrico do seu navio?). Todavia, os outros não são menos typicos: folhas e cápsulas das nossas dormideiras, corais e madréporas dos recifes e dos *attols* do Pacifico, ramos retorcidos dos nossos seculares azinhais, a lendaria mantichora das fabulosas terras orientais, as ondas dos mares sulcados pelas nossas caravelas, os torneados besantes das cotas dos nossos cavalleiros, as guizeiras das nossas récuas, as correntes dos nossos barcos, o emblema gracioso da Jarreteira (uma correia com fivela), flores de liz, enxarcias e cordoalhas e ancoras dos nossos navios, exemplares da flora riquissima dos mares descobertos (algas, sebas, botilhões), espheras armillares (o emblema heraldico com que D. João II presenteou D. Manoel I), a cruz de Christo (divisa da nobre cavallaria), as quinas (excelso brazão da patria), pranchas de cortiça, cães e gatos (que acompanhavam as naus), aguadores curvos (que serviam aos marinheiros para molhar as vélas enfunadas), estatuas de D. Affonso Henriques, D. Diniz, D. Henrique e D. Manoel, anjos

Nó da janela-porta da sachristia da Egreja de Christo

com as divisas d'este rei, e, por fím, a carranca altiva da roda de prôa das nossas naves e as vélas arfantes das nossas caravelas.

Nem só, porém, nas fachadas da egreja se ostentavam e ostentam as magnificencias manoelinas.

No interior tambem as admiramos, embora architectonicamente não correspondam á magnificencia exterior, dada a sua simplicidade, pois é despida d'ornamentação, sendo o seu melhor adorno a laçaria de pedra da abobada e a nascença dos arcos. Além do rico cadeiral desaparecido do côro, esplendido exemplar manuelino [1], executado por Olivier de Gand e Fernan Muñoz [2], existem ainda hoje pinturas, talhas e estatuaria de grande valor. A charola começou a ser revestida por D. Manoel com uma rica e caracteristica collecção de quadros, dos quais restam quatro, cujos caracteres pictorais, scenographicos e ethnographicos, os integram na magnifica escóla dos mestres Jorge Affonso, Vasco Fernandes e Gregorio Lopes. [3] Não chegou D. Manoel I a vêr o final d'esse revestimento.

---

[1] As gravuras intercaladas no texto apresentam-no com dois aspectos — o do fundo e um lateral, em desenhos feitos á pena. O lateral foi já publicado em gravura de madeira pela *Arte* (Lisboa, 1878), a qual, por sua vez, sem indicação de procedencia, foi reproduzida pela *Arte* (Lisboa, 1917). Publicou-o tambem Vilhena Barbosa nos *Monumentos de Portugal*. A parte do fundo, a mais bella, artistica e caracteristica, foi reproduzida: 1.º — no Boletim da Associação dos Arheologos, vol. 8, pag. 86, anno de 1878 — 2.º, em 1901 na nossa *A Ordem de Christo*, acompanhada d'algumas considerações, das quais reproduzimos o seguinte:

«Sem duvida este soberbo côro, obra primorosa e rica, devia rivalisar com os mais afamados das cathedrais europeias e de Portugal, attento aos seus illustres authores e ao grande interesse de D. Manuel; não seremos exaggerados em o pôr na vanguarda dos nossos soberbos trabalhos de talha, tal era a sua grandeza e riqueza.

Hoje desapparecido, talvez mais devido á ignorancia e rapinagem nacionais do que ás estrangeiras, como é uso facil de atribuir, mal poderemos reconstituir-lhe os detalhes, limitando-nos a dar d'elle uma reproducção valiosa que mão piedosa recolheu no anno de 1809».

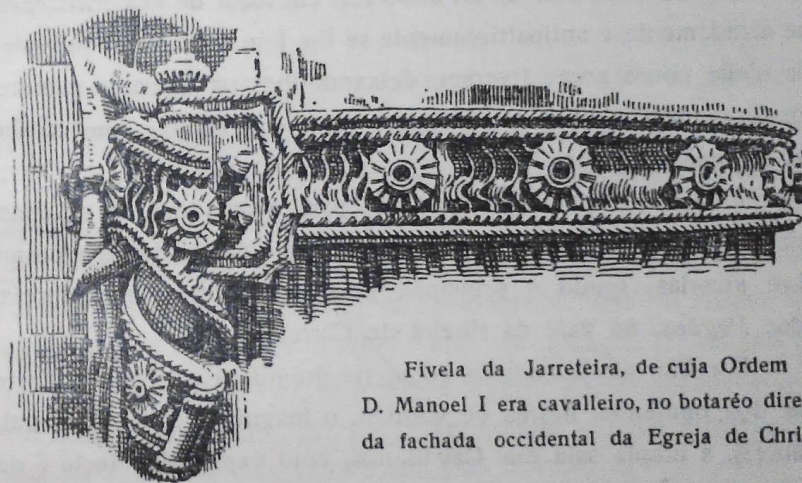
[2] Olivier trabalhou n'elle de 1511 a 12, morrendo n'este anno. Continuou-o e acabou-o Muñoz.

[3] Este pintor de Lisboa, fez para a charola os retábulos novos de *S. Antonio, S. Sebastião, S. Bernardo,* e outro da *Magdalena,* assim como os retábulos da Capella de Nossa Senhora, pelo que recebeu, em setembro de 1536, a somma de 168.000 reais. Vidé: *A Ordem de Christo,* do author.



A mór parte do que hoje lá se admira pertence a D. João III, o qual muito enriqueceu este santuario, que, no seu genero, é ainda hoje uma das melhores obras do mundo.

O convento, que se segue a esta rica, opulenta e patriotica fabrica da egreja, é a maior, mais larga e mais bella, obra architectonica da renascença feita em Portugal.

Criada por D. João III a nova Ordem de frades de Christo, para elles teve que mandar fazer alojamentos, chamando, para lh'os

Fivela da Jarreteira, de cuja Ordem D. Manoel I era cavalleiro, no botaréo direito da fachada occidental da Egreja de Christo

construir, o grande architecto que serviu seu pai na estupenda egreja — João de Castilho, o qual, óra seguidor das novas ideias que na Italia exhuberantemente floresciam, as poz alli em pratica, ao levantar os largos e compridos corredores das cellas e os bellos seis claustros que os rodeiam: ***Santa Barbara, Hospedaria, Mixa, Sentinas, Corvos e D. João III.***

D'esses seis artisticos claustros, cuja descripção muito alongaria estas paginas, um não existe hoje tal qual Castilho o

construiu, pois, por ordem de D. João III, em virtude de estar arruinado, foi mandado reconstruir a Diogo de Torralva, que, já mais adiantado nos estudos das artes classicas, deixou n'elle o mais expressivamente representativo das architecturas que immortalisaram uma Grecia e uma Roma, ao qual, por essa real ordem e rendendo homenagem a esse grande rei, que bem a merece, pelo muito que fez em Thomar e no paiz, embora tivesse defeitos mais filhos da sua epocha do que d'elle proprio, temos vindo, já de ha muitos annos, a intitular de *D. João III*, em logar de dos *Philippes*, que erradamente e antipatriotamente se lhe tem dado, visto que estes reis n'elle pouca acção tiveram, deixando-lhes os louvores commemorativos para a bella e utilissima obra das *Fontes* que conduzem a agua para o convento.

Esta conducção de longe vem, para o que teve de se construir um cano que passa á flor da terra n'umas partes e n'outras sobre arcarias, sendo a principal, pela magestade e imponencia, a dos *Pegões*, no vale da ribeira de Carregueiros.

Por fim, ainda cumpre notar, na grandiosa e recheada d'arte casa dos opulentos freires de Christo, o magnifico salão da Inquisição (?), a ampla sala dos Cavalleiros, cujo explendido tecto é de madeira ricamente apainelada (hoje na posse do Hospital militar), e os púlpitos do Refeitorio, primorosamente esculpidos, assim como os variados e historiados altos relevos da parte terrea do sumptuoso claustro de D. João III.

# THOMAR

Cette ville est l'une des plus importantes du Portugal en art et en histoire, de même que l'une des plus pittoresques pour le paysage.

Son art, riche et remarquable, se manifeste dans la seconde moitié du XIIème siècle et va se développant dans les siécles suivants, jusqu'à ce qu'au XVIème, avec D. Manoel Ier, maître de l'opulent ordre du Christ, il atteigne la plus haute splendeur et la plus grande originalité, grâce aux admirables œuvres réalisées par l'insigne architecte Jean de Castilho.

Son histoire, à l'époque où elle se dénommait Sellium et Nabancia, se perd dans les temps lointains des Césars et des néo-chrétiens.

Sous le nom de Thomar, elle paraît dans les documents à partir de 1160, et s'honore du titre de *notable*, concédé par D. Sébastien.

Son paysage, joliment polychromé, exhubérant de végétation, nous offre des perspectives enchanteresses et variées, depuis les gracieuses collines ravinées qui, à l'est, séparent les bassins du

Zézere et du Nabão, jusqu'aux rives fertiles de ce dernier, qui s'étendent largement vers le sud. Au nord, se dresse le sombre mont d'Alvaiázere; au couchant se détache la majestueuse et sublime masse du Monument du Christ.

Dans cette ville historique et légendaire se sont succédées trois civilisations — la romaine, la néo-chrétienne et l'ogivale.

Cette dernière est intimement liée à la plus brillante dynastie lusitaine, la «joannine», dont les rois établirent leur cour à Thomar et le comblèrent de richesses architectoniques, qui font aujourd'hui l'orgueil de la ville et du pays.

## EGLISE DE SAINTE MARIE DES OLIVAIS

C'est à cet endroit que devait s'élever la ville romaine de Sellium [1]; on a trouvé de nombreux mémoires s'y rapportant. Après sa destruction à l'époque des invasions barbares, elle semble s'être relevée, pour peu de temps, sous le nom de Nabancia, par la fondation de deux couvents, qui devinrent célèbres, vers l'an 553, par la mort de Sainte Iria vierge et martyre, tragique évènement qui causa de nouveau la ruine de l'agglomération, ruine achevée, 58 ans plus tard, par les *razzias* de Tarik et de ses successeurs.

Sous la conquête chrétienne, le chevalier templier Gualdim Pais en utilisa les ruines, dont il employa une partie à la construction de sa forteresse inexpugnable sur le mont situé en face. Avec la partie restante, il reconstruisit, sur ses fondations, l'église de l'ancien couvent de Sainte-Marie de Selho. Mais, si l'ancienne église était de style roman, très commum au VIe siècle, la nouvelle fut construite en gothique primitif. On était alors dans la seconde moitié du XIIe siècle et Gualdim Pais était un homme instruit, ayant voyagé. En outre, il éleva aussi, dans sa forteresse, un édicule en gothique byzantin.

La nouvelle église reçut les honneurs de panthéon pour les maîtres de l'ordre des Templiers et d'église matrice de la ville et, plus tard, d'église matrice de tous les domaines de cet ordre en

(1) *Thomar-Santa Iria* — Vieira Guimarães.

Portugal et, enfin, des églises que l'ordre du Christ, qui lui succéda, édifia en Europe, en Asie, en Afrique, en Amérique et en Océanie.

La façade comprend trois parties séparées par des contreforts; les parties latérales ont des fenêtres bipartites et trilobées; la partie centrale, haute et élégante, se termine par un pignon. Au-dessus de l'arc ogival de la porte principale, sur un petit fronton pointu, on voit le signe de Salomon, emblème des Templiers. La rosace, qui semble postérieure, est formée de douze feuilles découpées en trois lobes, entourés de cordons circulaires.

Intérieurement, elle est divisée en trois nefs séparées par huit colonnes fasciculées, qui soutiennent dix arcs ogivaux. Les chapiteaux des colonnes sont très réduits. Les trois nefs ont 25,m95 de longeur et 15m,50 de largeur.

La chapelle principale, voûtée, se compose de deux parties divisées par un arc ogival. L'une, dont la voûte est croisée par deux arcs, est de plan rectangulaire; l'autre est de forme heptagonale; de ses angles, soutenus à l'extérieur par des contreforts, partent sept arcs ogivaux, qui se rejoignent en un faisceau fleuri.

Le tombeau que l'on y voit, classique dans son exécution, est celui de D. Diogo Pinheiro, premier évêque de Funchal, grand favori de D. Manoel I.er Au bas, se trouve l'épitaphe de D. Gil Martins, premier maître de l'ordre du Christ.

L'église a souffert diverses modifications, surtout au temps de D. Jean III (1521-57), mais elle a gardé son caractère initial.

Les chapelles de la paroi méridionale sont de ce dernier roi; elles ont déterminé la destruction des tombeaux des glorieux maîtres templiers Gualdim Pais et autres; néanmoins, afin de conserver leur mémoire, on a encastré leurs épitaphes dans les parois



de la seconde chapelle; de ces inscriptions, seules, jusqu'aujourd'hui, ne sont apparues que celle du fondateur de Thomar et celle de l'illustre Lourenço Martins, avant-dernier maître de l'ordre des Templiers.

La sacristie est également l'œuvre de D. Jean III, car elle date de 1536.

A quelques mètres à l'occident se trouve une tour qui, selon la tradition, servait de défense aux ouvriers travaillant à la construction de cette église contre les attaques que leur faisaient parfois les Arabes du sud.

## EGLISE DE SANTA IRIA

Près du pont est bâtie la fort belle église construite en 1536 par le célèbre architecte João de Castilho pour le culte des religieuses du couvent de Santa Clara, vulgairement dénommé de Santa Iria, fondé par Dona Mecia Vaz Queiroz, veuve de Pero Vaz d'Almeida, intendant de l'infant D. Henrique, qui avait acheté le terrain rendu célèbre par le martyre de Sainte Iria.

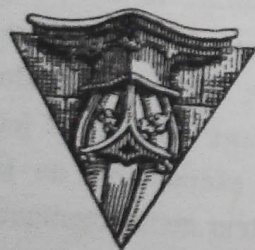
Pedro Moniz da Silva fit construire l'église; il appartenait à la famille de Dom Antonio de Lisbonne, puissant grand-prieur du couvent du Christ, que faisait alors élever Dom Jean III. Il lui fut donc facile d'obtenir que João de Castilho se chargeât du travail; celui-ci avait déjà abandonné le style manuelin, influencé par les règles classiques en vogue à Milan, Florence et Rome, et qui lui étaient conseillées par le livre de Sagredo: *Medida del Romano.*

Il nous a laissé, dans la façade et les fenêtres de cette église, d'excellents et élégants exemplaires de la renaissance portugaise.

En plus de sa valeur architectonique renaissance, cette église renferme aussi, de notable: ses *azulejos,* la chapelle mortuaire de Miguel do Valle, la sépulture du peintre Vieira Serrão. Les couleurs et le dessin donnent du prix aux *azulejos,* parmi lesquels se détachent ceux de «pointe en diamant», très caractéristiques de notre XVI^e^ siècle.

De même, la chapelle mortuaire de Miguel do Valle est renaissance; il fut inspecteur de la douane d'Ormuz sous le règne

de D. Manoel 1er. Le retable de pierre de l'autel est vraiment notable. Par son relief et sa contexture délicate, c'est un des meilleurs du pays. Il représente le Calvaire, au moment sublime où le Christ adresse cette phrase à sa mère affligée, soutenue par son fidèle disciple: *Femme, voici ton fils; Jean, voici ta mère.*

La sépulture du peintre Serrão est marquée par une grande dalle, sur laquelle se voient une inscription et les armes des Serrões. Il travailla de longues années dans le couvent du Christ et exécuta quelques œuvres pour la chapelle de l'Université et pour l'église de la Sainte Croix de Coïmbre.

## EGLISE DE SAINT-JEAN

On estime que Dom Manuel en fut le fondateur, mais nous croyons qu'elle est une réédification et que sa fondation remonte au temps de Jean II (1481-95). En effet, le portail sud indique une édification antérieure à Dom Manoel, de même que le portail principal, au tympan flamboyant, enrichi d'un baldaquin imbriqué, manifeste un manuelin primitif auquel vient s'adapter le *pélican* de Jean II, à la porte latérale du nord.

La façade est composée de trois corps, le corps central surpassant les autres, et une tour se dresse à sa partie nord. Ce corps central est couronné d'une platebande droite composée de fleurs de lis, qui porte en son milieu une gracieuse statuette de Saint-Jean qui s'offre à nos yeux vêtu singulièrement en chevalier du XVIe siècle et avec la devise de Constantin: *in hoc signo vinces* (1). La tour, en forme de prisme octogonal, est percée de fenêtres ogivales et présente un balcon avec d'élégants ornements et un cadran d'horloge décoré de figures allégoriques représentant peut-être les différents âges de l'homme. Du balcon sort un svelte pinacle surmonté de la sphère armillaire de Dom Manuel.

La porte principale qui, comme toute l'église, se ressent beaucoup de la suppression du parvis, se compose d'un grand arc ogival soutenu par deux boutoirs ornementés, dont le sommet est intercepté par une moulure qui supporte six fleurs de lis et trois

(1) Le S.t Jean de la façade de l'église de Villa do Conde ne présente pas ces anomalies.

pinacles manuelins. Dans les boutoirs simples, on distingue la Croix du Christ et le blason des «Quinas», oblique et surmonté d'un casque.

A ce grand arc ogival, gracieusement orné, font suite quelques autres plus petits, continués par le tympan flamboyant pourvu d'un très riche baldaquin. La porte de la «Corredoura» est aussi un bel exemplaire, car les éléments qui la composent sont très variés et englobent les personnalités de Dom Jean II, de Dom Manuel 1er et de sa femme Dona Maria, par la représentation de leurs emblêmes — le pélican, pour le premier, la sphère armillaire et la croix du Christ pour le second, et les armes de Castille pour la reine. Ceci prouve que l'achèvement de l'œuvre a pris beaucoup de temps. La finesse de son exécution, son ornementation naturaliste: sangliers, chiens, escargots, raisins, plantes potagères, et oiseaux, sans compter ses admirables pilastres salomoniques, nous enorgueillissent de la période glorieuse des travaux scientifiques et artistiques où le Portugal portait l'étendard de la civilisation, de notre époque brillante des XVe et XVIe siècles.

L'intérieur révèle la même lenteur dans la construction. Il est divisé en trois nefs par quatre pilastres fasciculées. Les nefs sont couvertes de plafonds de bois; les chapelles latérales et la chapelle principale, de voûtes en berceau.

La chapelle du Saint-Sacrement est une œuvre du XVIIIe siècle, celle des Ames est moderne.

Les chapiteaux des colonnes sont ornés avec exhubérance. La chaire, assez élégante, recouverte de motifs décoratifs manuelins, est d'une grande perfection d'exécution, et est une des plus belles du pays. Les tableaux de la chapelle principale sont très estimables; on n'en connaît pas les auteurs. Ils appartiennent à diverses époques.



## MONUMENT DU CHRIST

Lorsqu'on se rend à ce splendide monument, on rencontre en chemin la Chapelle de N.-Dame-de-la-Conception, notable par son plan et sa construction, puisqu'elle reproduit une pure basilique romaine. L'architecte en est inconnu et l'on ne sait qui la fit construire, mais c'est indubitablement une œuvre de la seconde moitié du XVIème siècle qui contribue beaucoup à enrichir l'art de Thomar. C'est un magnifique exemplaire en renaissance classique.

Ayant dépassé l'arc de S. Tiago et la porte du Soleil, on se trouve entouré des robustes murailles qui fermaient autrefois l'invincible forteresse des Templiers, élevée par Gualdim Pais, maître de l'ordre, le 1er Mars 1160, et qui servit de maison-mère pour la province portugaise du Temple. A en juger par ce qui en existe encore, son enceinte était vaste. A l'angle nord-est se trouvait la citadelle avec son donjon et à l'angle nord-ouest, une édification octogonale en style byzantin, dont firent grand usage les Templiers.

Lorsque l'ordre des Templiers en Portugal fut éteint et transformé en Ordre du Christ, le siège en fut placé à Castro Marim, sur la frontière. Mais au bout de 38 ans, il revint à Thomar. Après que l'ordre, ayant pour maître l'immortel Infant Dom Henri, eut été réformé par le connétable Dom Nuno Alvares Pereira, le nombre des chevaliers augmenta considérablement. C'est pourquoi, les revenus de l'ordre ayant de même augmenté

à la suite des découvertes faites, à l'ombre de son drapeau, dans l'Atlantique et sur la côte occidentale africaine, il devint nécessaire d'agrandir le siège et on édifia, au nord du château des templiers, un palais (paços) et deux cloîtres, dont l'un devait servir de cimetière et l'autre, appelé *Lavagem*, pour les dépendances domiciliaires des chevaliers. Du palais, seule la façade existe; des cloîtres, subsistent à peine les arcades ogivales, excepté l'arcade de l'étage supérieur de la *Lavagem*, qui gît par terre.

Les conquêtes et les découvertes se poursuivirent avec gloire et les revenus de l'ordre du Christ s'accrurent considérablement; les rois Dom Manuel 1er, D. Jean III, D. Sébastien, les Philippe, Dom Jean IV, D. Alphonse IV et D. Pedro II utilisèrent ces revenus à des travaux de grande importance.

Dom Manuel 1er, maître de l'ordre, ayant reconnu que l'édifice primitif du culte était exigu, le fit refondre par Jean de Castilho. Ce génial architecte-artiste réalise, dans cette œuvre, la forme la plus caractéristique du style manuelin, et laisse bien voir l'ardeur de son imagination.

Les trois façades de la superbe église, surtout la façade occidentale, avec ses expressifs et admirables motifs décoratifs, depuis le marin robuste jusqu'à la fort belle rosace, encadrée d'une voile de caravelle dans la partie supérieure, sont comme un livre — telles d'autres *Lusiades* — qui chante et immortalise les épiques et fameux capitaines qui dépassèrent même Taprobana.

Le couvent est l'œuvre la plus vaste, la plus riche et la plus belle de la Renaissance, élevée en Portugal. Dom Jean III, pressé par le besoin de loger les moines de l'ordre du Christ, le fit construire par l'architecte Jean de Castilho, qui partageait déjà les nouvelles idées architectoniques provenant de l'Italie. L'édifice



embrasse six excellents cloîtres dénommés de *Sainte-Barbe, Hôtelleries, Mixa, Sentinas, Corbeaux* et *Dom Jean III*. Ce dernier cloître, qui d'ordinaire, mais à tort, est appelé des Philippe, et qui était tombé en ruines, fut reconstruit par D. Jean III; l'architecte en fut le célèbre espagnol Diego de Torralba qui, plus approfondi dans la connaissance de l'art classique, a laissé dans cet ouvrage le plus parfait modèle et le plus représentatif de ce style en Portugal.

Les fontaines qui amenaient l'eau au couvent sont aussi un ouvrage intéressant, réalisé par les Philippe.

Trad. de *Paul Quérette*.

# THOMAR

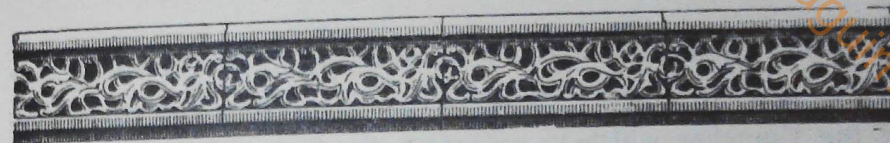
This city is one of the most important in Portugal as regards art and history, and one of the most picturesque in scenery.

Its rich and remarkable art begins to manifest itself in the second half of the 12th century, and goes on developing until in the 16th, under king Emmanuel the First, Grand Master also of the wealthy Order of Christ, it reaches its highest splendour and greatest originality, in the wonderful constructions executed by the famous architect João de Castilho.

Its history from the time it was Sellium and Nabancia is lost in the remote eras of the Caesars and the early Christians. Under the name of Tomar we find it in documents from the year 1160 onwards. It boasts of the title of *notable*, which was given to it by King Sebastian.

Its beautiful and polychromatic landscape, with its exuberant vegetation, offers us charming and diversified prospects, from the graceful hills that separate the basins of the Zezere and Nabão on the east, down to the fertile banks of the latter river which extend away to the south. On the north rises the dark ridge of

the Alvaiazere mountains; to the west stands out boldly the majestic and sublime Monument of Christ.

In this historical and legendary city three civilisations succeeded each other: the Roman, the early Christian, and the Gothic. The latter is intimately connected with the most brilliant Lusitanian dynasty, called *Joanina,* whose kings held their court at Tomar, and lavished on it architectonic and artistic treasures which to-day are as much the pride of the city as of the whole land itself.

## CHURCH OF SAINT MARY OF THE OLIVAIS

This must have been the site of the Roman settlement called *Sellium* (1), about which many memorials have been found. It seems that after being destroyed during the invasions of the Barbarians, it revived for a short time under the name of *Nabancia,* with the foundation of two convents which became celebrated about the year 653 by the death of the virgin martyr Saint Iria, which tragic event was the cause of the settlement being again destroyed, but to a still greater extent, 58 years after, by the razzias of Tarik and his successors.

After the Christian reconquest its ruins were made use of by the knight Templar Gualdim Paes, part of them in the construction of his inexpugnable fortress on the opposite mount, while with the rest he rebuilt from its foundations the church of the old convent of Saint Mary of Selho. But if the old Church was in the Romanesque style, very common in the 6th century, the new one was built in the early Gothic. This was in the second half of the 12th century, and Gualdim Paes was a learned man and had travelled greatly. He had besides that built a little chapel in his fortress in the Gothico-Byzantine style.

The new church acquired the honour of being the Pantheon of the Grand Masters of the Order of the Temple, and from

(1) Vide: *Thomar-Santa Iria*—Vieira Guimarães.

being the Mother Church of the settlement, it came to be also that of the Portuguese dominions of the Order, and afterwards, of the Churches which its successor, the Order of Christ, built in Europe, Asia, Africa, America and Oceania.

The façade consists of three parts separated by buttresses. The windows of the lateral ones are divided into two lights and are trefoiled; the central part is lofty and elegant, terminating in a one-ridged roof.

Above the ogival arch of the main door, in a small and pointed pediment appears Solomon's seal, the device of the Templars. The rose window, which seems to be of a later date, is formed by twelve leaves cut out into three lobes grouped together in circular bands.

Interiorly it is divided into a nave and two aisles, separated by eight clustered pillars supporting ten ogival arches. The capitals of the pillars are much reduced. The nave and aisles are $25^{m}$,95 long by $15^{m}$,5 wide.

The vaulted chancel is composed of two parts, divided by an ogival arch. One is of a rectangular shape, and its vault is crossed by two arches; the other is heptagonal, and from its angles, supported on the outside by buttresses spring seven ogival arches, which unite in a florid knot. The tomb of classic workmanship here seen, is that of D. Diogo Pinheiro, first Bishop of Funchal, and a great favourite of King Emmanuel the First. Below it is the epitaph of D. Gil Martins, first Grand Master of the Order of Christ. The church underwent several modifications, especially in the reign of King John III (1521-57), but the original character was retained

To that king are due the Chapels along the south wall, which



obliged the tombs of the famous Templars Gualdim Paes and others to be destroyed, although, in order to preserve their memories, their epitaphs were engraved on slabs in the walls of the second chapel, but up to the present only those of the Founder of Thomar and of the illustrious Lourenço Martins, second last Grand Master of the Order of the Temple, have been found.

The sacristy is also due to King John III, for it bears the date of 1536. Some yards to the west rises a square tower, which, according to tradition, served as a protection for the workmen who constructed this church, against the attacks sometimes made on them by Moors from the south.

## THE CHURCH OF SAINT IRIA

Near to the bridge stands the lovely church built in 1536 by the renowned architect João de Castilho. for the use of the convent of Saint Clare, popularly called the Convent of Saint Iria, founded by D. Mecia Vaz Queiroz, the widow of Pero Vaz d'Almeida, major-domo of the Infante D. Henrique, who bought the site rendered illustrious by the martyrdom of St. Iria.

The church was ordered to be built by Pedro Moniz da Silva, of the family of D. Antonio of Lisbon, the powerful and chief prior of the Convent 'of Christ, which was then being constructed by King John III, and thus it was easy for him to get João de Castilho to undertake the construction. The latter had already renounced the Emmanueline style under the influence of the classical rules in vogue at Milan, Florence, and Rome, which were recommended to him in the book *Medida del Romano*, by Sagredo.

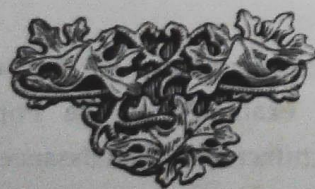
In the façade and windows of this church he has left us excellent and elegant examples of the Portuguese Renaissance.

Besides its architectonic Renaissance value, the church possesses other remarkable features: its glazed decorative tiles the mortuary chapel of Miguel do Valle, and the tomb of the painter, Vieira Serrão.

The value of the glazed tiles consists in their colours

and design, the most remarkable being the diamond-shaped ones which characterise so much our 16th century.

The mortuary chapel of Miguel de Valle, scrivener of the custom-house at Ormuz in the reign of King Emmanuel the First, is also in the Renaissance style, and possesses a remarkable stone reredos. By reason of its relief and masterly contexture, it is one of the finest in the country. It represents the scene on Mount Calvary at the sublime moment when Christ addresses to His sorrow-stricken Mother, supported by the faithful disciple, the words: «*Woman, behold thy son; John, behold thy Mother*».

The tomb of the painter Serrão is marked by a large flagstone, on which can be seen an inscription and the armorial bearings of the Serrões. He worked for many years at the Convent of Christ, and executed paintings for the chapel of the university and for the Church de Santa Cruz (of the Holy Cross) at Coimbra.

## THE CHURCH OF S.T JOHN

King Emmanuel I is considered to be its founder, but we think it is a reconstruction and that its foundation dates from the time of King John II (1481-95). The south portal in fact points to a construction anterior to King Emmanuel; while the main portal, with its flamboyant tympanum enriched with an imbricated canopy, manifests a primitive Emmanueline, to which is to be added the pelican of King John II on the north side door.

Its façade is composed of three parts, of which the central one is the most prominent, and from its northern part rises a tower. This central part is crowned with a straight platband composed of fleurs-de-lis, having in its centre a graceful statuette of St. John, who appears to us in the strange attire of a knight ofthe 16th century, and with the motto of Constantine: *in hoc signo vinces* (1).

The tower, in the shape of an eight-sided prism has ogival windows, a balcony with fine decorations and the dial of a clock ornamented with allegorical figures, representing perhaps the ages of man. From the balcony springs an elegant spire surmounted by the armillary sphere of King Emmanuel.

The principal door, which, like the whole of the church suffers from the suppression of a raised access to it, is composed of a large ogival arch supported by two ornamented buttresses,

(1) The St John on the façade of the Church of Villa do Conde does not show those anomalies.

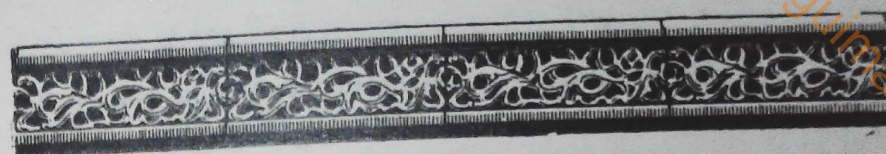
of which the vertex is intercepted by a moulding supporting six fleurs-de-lis and three Emmanueline spires. On the flying buttresses can be distinguished the cross of Christ and the escutcheon of the Cinques in a slanting position and surmounted by a helmet. To that large and finely decorated ogival arch succeed other minor ones, and then comes the flamboyant tympanum with its magnificent canopy. The door of the Corredoura is likewise a fine example, for its component elements are very varied and involve the persons of King John II, King Emmanuel I and his Queen Mary, by the representations of their emblems — the pelican of the first, the armillary sphere and cross of Christ of the second, and the arms of Castile of the Queen. That proves the length of time spent in the construction. The fineness of its workmanship, its naturalistic ornamentation of wild boars, dogs, snails, grapes, gardens and birds, besides its admirable spiral pilasters, bring us proudly back to the glorious period of the scientific and artistic works in which Portugal bore the standard of civilisation, during the brilliant epoch of our 15th and 16th centuries.

In the interior the same delay in its construction is noticeable.

It is divided into three parts by four clustered pilasters. The nave and aisles are covered with wooden roofs, the side chapels and the chancel with semi-circular vaults.

The chapel of the Blessed Sacrament is of the 18th century and that of All Souls is of modern date.

The capitals of the columns are exuberantly adorned. The pulpit, which shows real elegance and is covered with Emmanueline decorative designs, is of the most perfect workmanship and one of the best in the country.

The paintings in the chancel, whose authors are unknown, are very valuable. They belong to different epochs.



## THE MONUMENT OF CHRIST

On the way to this splendid monument we meet with the Chapel of Our Lady of the Immaculate Conception, which is remarkable for its plan and construction, for it reproduces an exact Roman basilica. Neither is its architect known nor the person who ordered it to be built; but what is certain is that it is the work of the second half of the 16th century, and greatly enriched the art of Thomar. Once the arch of S. Tiago and the Porta do Sol are passed, one is surrounded by the hoary walls that in days gone by enclosed the inexpugnable fortress of the Templars, which was founded by Gualdim Paes, Grand Master of the Order, on the 1st of March, 1160, and which served as the Mother-house of the Portuguese province of the Temple.

From what still exists its circuit was enormous. In the north-east angle rose the citadel with its dungeon, and on the north-west an eight-sided construction in the Byzantine style, which was much used by the Templars.

The Order of the Temple on its extinction, being transformed in Portugal into the Order of Christ, Castro Marim on the frontier came to be its chief seat. 38 years, however, having elapsed, it came back to Thomar. After being reformed by the Lord High Constable D. Nuno Alvares Pereira, the Infante D. Henrique being its Grand Master, the number of its knights increased greatly.

For that reason and for its revenue too having increased in consequence of the discoveries made in the Atlantic and on the west coast of Africa under cover of its flag, it became necessary to enlarge the house of the Grand Master by constructing on the north side of the castle some mansions and two cloisters, one for a burial-place, and the other, called *Lavagem*, for the domiciliary outbuildings of the knights. Of those mansions there remains only the façade; of the cloisters only the ogival arcades remain, excepting that of the upper storey of the Lavagem, which lies abandoned on the ground.

As the conquests and discoveries ʘent on gloriously, the revenues of the Order of Christ increased largely, and were utilised by King Emmanuel I, John III, Sebastian, the Philips, John IV, Alphonsus VI and Peter II for works of great importance.

King Emmanuel I, while yet Grand Master of the Order, realising that the primitive chapel was too small, ordered it to be reformed by João de Castilho. In that work the genial artist and architect displays the most characteristic form of the Emmanueline style which shows well whot an ardent imagination he possessed.

The three façades of the magnificent church, especially the western one, with its expressive and admirable ornamental designs from the sturdy seaman to the lovely rose window framed at the top by the sail of a caravel, are like a book, another *Lusiad*, as it were, singing and immortalising the epic and renowned men who

«passaram ainda álem da Taprobana». (Went farther even than Ceylon).

The convent is the greatest, the richest and the most beautiful work of the Renaissance erected in Portugal. It was constructed by John III in order to provide the necessary lodging for the friars of Christ, and its architect was João de Castilho, already imbued with the new architectonical ideas proceeding from Italy. It comprehends six splendid cloisters called *Saint Barbara, Hospedarias, Mixa, Sentinas, Corvos*, and *John III*. The latter, which is usually, but unrightly called the cloister of the Philips, was reconstructed by the same John III, because of its having gone to ruin, its architect being the famous Spaniard Diogo de Torralba, who, from being better acquainted with the classic art, left in it the most perfect and best representative monument of that style in Portugal. Very remarkable too is the construction of the Aqueducts which brought the water to the convent and which were executed by the Philips.

Transl. by *James Machin.*

## LISTA DOS MESTRES, GOVERNADORES E ADMINISTRADORES DO MESTRADO DE CHRISTO [1]

### MESTRES

1 — D. Gil Martins
2 — D. João Lourenço
3 — D. Martim Gonçalves Leitão
4 — D. Estevam » »
5 — D. Rodrigo Annes
6 — D. Nuno Rodrigues
7 — D. Lopo Dias de Souza

### GOVERNADORES E ADMINISTRADORES

1 — Infante D. Henrique
2 — Infante D. Fernando
3 — D. João, duque de Viseu
4 — D. Diogo, duque de Viseu
5 — D. Manuel, duque de Beja e rei
6 — D. João III
7 — D. Sebastião
8 — D. Henrique, Cardeal-Rei
9 — D. Philippe I
10 — D. Philippe II
11 — D. Phillippe III
12 — D. João IV
13 — D. Affonso VI
14 — D. Pedro II
15 — D. João V
16 — D. José I

### GOVERNADORES, ADMINISTRADORES E GRÃO-MESTRES

1 — D. Maria I
2 — D. João VI
3 — D. Maria II

### GRÃO-MESTRES

1 — D. Pedro V
2 — D. Luiz I
3 — D. Carlos I

---

[1] De *A Ordem de Christo*, do author

## LISTA (INCOMPLETA) DOS ADMINISTRADORES DE THOMAR [1]

Dr. Christovão Teixeira

Pedro Lourenço de Tavora

Dr. Martim Affonso Mexia

Dr. Christovão da Fonseca

Dr. Pedro de Beça de Faria

Dr. Joseph de Affonseca

Dr. Manoel de Souza

Dr. Pedro Alvares de Freitas

Dr. João de Rezende

Dr. Sebastião Gomes de Figueiredo

Dr. Pedro de Beça de Faria

Dr. Miguel Pereira

Dr. Manoel de Souza

Dr. Luiz Alvares de Tavora

Dr. Francisco Lobo da Silveira

Dr. João Correia de Lacerda

Dr. João da Silva e Souza

Dr. Manoel da Costa de Oliveira

---

[1] De *A Ordem de Christo*, do author

## LISTA DOS ARTISTAS DO MONUMENTO DE THOMAR [1]

*Abreu (Simão) — pintor.*
*Affonso (Jorge) — pintor?*
*Almeida (Fernando) — musico.*
*Antunes (Aleixo) — azulejista.*
*Antunes (Pedro) — mestre pedreiro.*
*Arruda (Diogo de) — mestre pedreiro.*
*Bebedim — canteiro.*
*Bugimaa — canteiro.*
*Cansada (João) — ourives.*
*Castilho (João) — architecto.*
*Corneja (Balthazar) — ourives.*
*Costa (Sebastião) — musico compositor e cantor.*
*Escovar (Francisco) — caligrapho ou escrivão dos livros.*
*Esteves (Rodrigo) — mestre da carpintaria do palacio da rainha D. Catharina.*
*Flamengo (Antonio) — canteiro.*
*» (Gabriel) — canteiro.*
*Fernandes (Alvaro) — mestre de pedreiro.*
*» (Antonio) — illuminador.*
*» (Diogo) — illuminador.*
*» (Francisco) — estucador.*
*» (Matheus) — mestre pedreiro.*
*Figueiredo, pintor (talvez Christovão de Figueiredo).*
*Figueiredo (Pedro Jorge) — fundidor.*
*Filipe (João) — marceneiro.*
*Flores (Francisco) — escrivão de livros.*
*Francisco (Mestre) — entalhador.*
*Gomes (Simão) — canteiro.*
*Gonçalo (Antão) — mestre pedreiro.*
*Gonçalo (Frei) — relojoeiro.*
*Gonçalves (Bastião) — mestre de carpinteiros.*
*Gonçalves (Fernão) — architecto.*
*» (Pedro) — mestre pedreiro.*
*Henriques (Diogo) — serralheiro.*
*Hercules (Frei) — escrivão de livros.*
*Hollanda (Antonio) — illuminador.*

---

[1] De *A Ordem de Christo*, do author.

*Jorge (Manoel) — pintor.*
*Leão (João) — escrivão de livros.*
*Leitão (João) — canteiro lavrante.*
*Lopes (Francisco) — architecto.*
*Lopes (Gregorio) — pintor.*
*Lopes (Pedro).*
*Lucas (Diogo Marques) — architecto.*
*Mafamede — canteiro.*
*Muñoz (João) — marceneiro.*
*Moñoz (Fernão) — marceneiro.*
*Motta (Diogo) pedreiro.*
*Nobre (Diogo) — pedreiro.*
*Olivier — marceneiro.*
*Omar — canteiro.*
*Penafiel (João) — illuminador.*
*Peres — encadernador.*
*Philippe (João) — marceneiro.*
*Pinheiro (João) — musico compositor.*
*Pires (Affonso) — ourives.*
*Pires (Francisco) — escrivão de livros.*
*Pires (Lucas) — marceneiro*
*Pires (Manuel) — encadernador.*
*Plato, (Arnaldo) — escrivão de livros de lettras grossas.*
*Reimõ*
*Rodrigo (Simão) — azulejista.*
*Rodrigues (Alvaro) — mestre pedreiro.*
*» (Diogo) — sirgueiro.*
*» (Fernão) — pintor.*
*» (Gonçalves) — carpinteiro.*
*Rombo (Antonio) — organista.*
*» (Filho) — organista.*
*Salazar (João de) — escrivão de livros de lettra grossa.*
*Simões (Francisco Ferreira) — serralheiro.*
*Sulpicio — imaginario*
*Taca — vidraceiro.*
*Terzi, (Philipe) — architecto.*
*Torralva (Diogo de) — architecto*
*Torres (Pedro Fernandes) — architecto.*
*Vaz (Jordão) — ourives.*
*Vieira (Domingos) — pintor.*
*Vieira (Jorge) — illuminador.*

# BIBLIOGRAFIA


Alberto Haupt — *Architectura da Renascença em Portugal.*
A. Herculano — *Historia de Portugal e Historia do Estabelecimento da Inquisição.*
Baker — *A Winter Holiday in Portugal.*
Bertaux — *Histoire de l'Art.*
Brito Rebello — Colaboração no *Occidente*, na *Revista de Educação e Ensino.*
Dieulafoy — *Espagne.*
Documentos — *Nos manuscriptos da Torre do Tombo, e da Biblioteca Nacional de Lisbôa.*
Frei Bernardo da Costa — *Historia da Militar Ordem de N. S. J. Christo.*
Fuschini — *A architetura religiosa na Edade Média.*
Gama Barros — *Historia da Administração Publica em Portugal.*
Inchbold — *Lisbon & Cintra.*
José Antonio dos Santos — *Monumentos das Ordens Militares do Templo e de Christo em Thomar.*
Luiz Hourticq — *Encyclopédie des Beaux-arts.*
Martin Hume — *Through Portugal*
Ramalho Ortigão — *O culto da arte em Portugal.*
Raczinsky — *Les arts en Portugal e Dictionnaire historique de Portugal.*
Souza Viterbo — *Diccionario historico dos architectos, etc.*
Vieira Guimarães — *A Ordem de Christo. — Thomar e Santa Iria.*
Vilhena Barbosa — *Monumentos de Portugal*

# INDEX

| | PAG. |
|---|---|
| Thomar | |
| Egreja de Santa Maria dos Olivais | 9 |
| Egreja de Santa Iria | 13 |
| Egreja de S. João | 21 |
| Monumento de Christo | 27 |
| Traducção franceza | 35 |
| Traducção ingleza | 45 |
| Lista dos Mestres, Governadores e Administradores do Mestrado de Christo | 59 |
| | 73 |
| Lista (incompleta) dos Administradores de Thomar | 75 |
| Lista dos artistas do Convento de Christo | 77 |
| Bibliographia | 79 |

---

Planta do livro *A Ordem de Christo,* do Dr. Vieira Guimarães.
Planta da *Ermida da Conceição,* de Haupt.
Desenhos (os originais) das tres figuras do Convento de Christo do professor e pintor de Thomar Manoel Pinto, que pertenceu ao celebre Grupo do Leão.

1 PANORAMA E 38 GRAVURAS

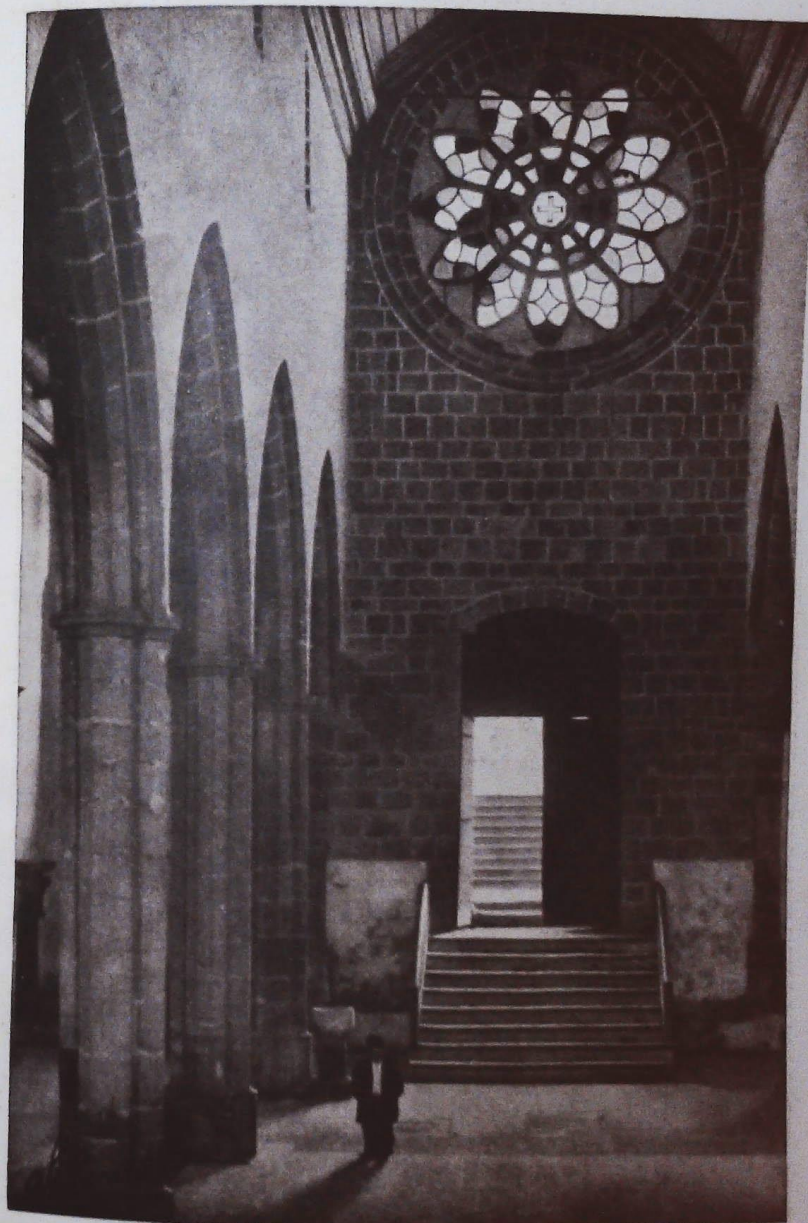
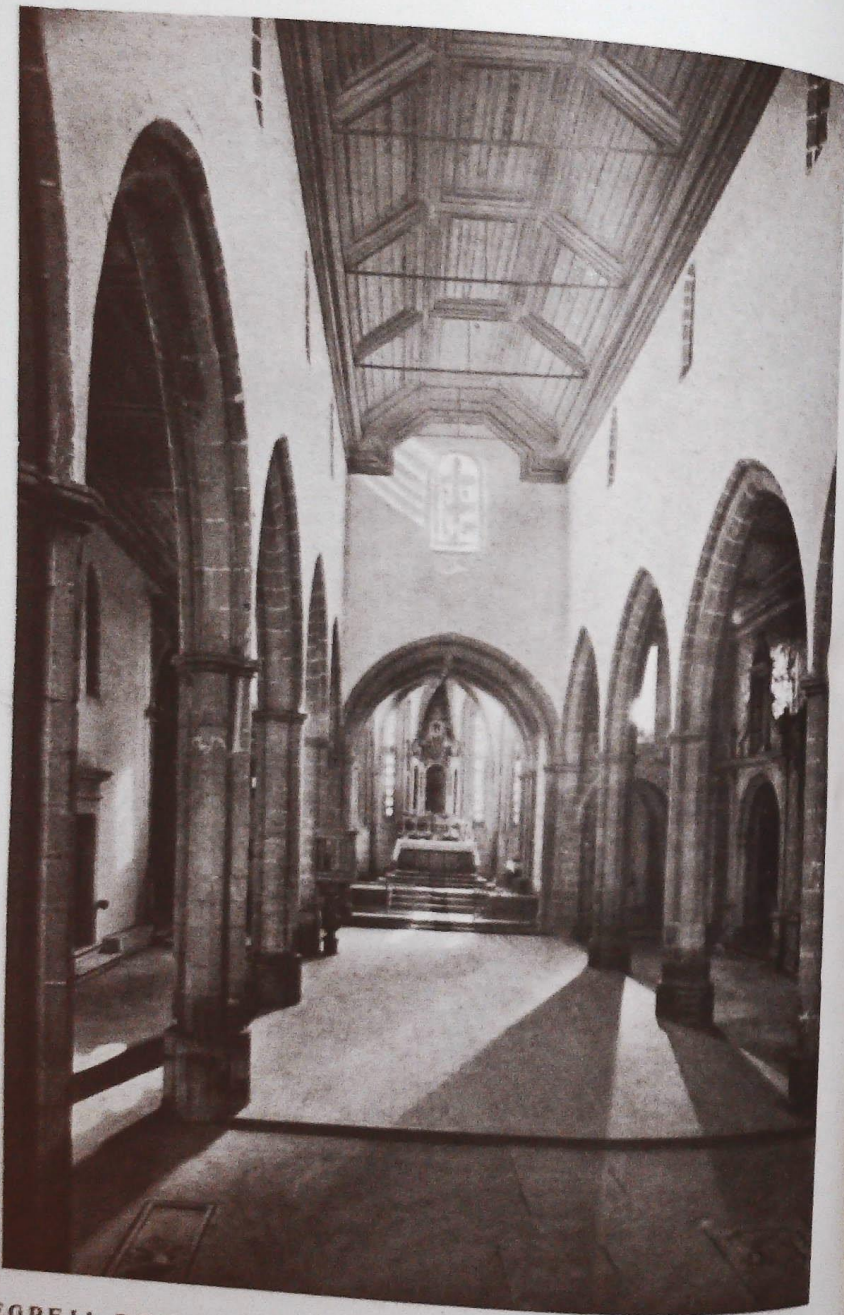
FOTOGRAFIAS
DE ALVÃO

EGREJA DE N. S.ª DOS OLIVAIS — Nave central e rosacea
Eglise de N. Dame des Olivais — Nef centrale et rosace
Church of St. Mary dos Olivais — Nave and Rose Window

# INDEX

PAG.
Thomar .......... 9
Egreja de Santa Maria dos Olivais .......... 15
Egreja de Santa Iria .......... 21
Egreja de S. João .......... 27
Monumento de Christo .......... 31
Traducção franceza .......... 45
Traducção ingleza .......... 58
Lista dos Mestres, Governadores e Administradores do Mestrado de Christo .......... 73
Lista (incompleta) dos Administradores de Thomar .......... 75
Lista dos artistas do Convento de Christo .......... 77
Bibliographia .......... 79

---

Planta do livro *A Ordem de Christo*, do Dr. Vieira Guimarães.
Planta da *Ermida da Conceição*, de Haupt.
Desenhos (os originais) das tres figuras do Convento de Christo do professor e pintor de Thomar Manuel Pinto, que pertenceu ao celebre Grupo do Leão.

**EGREJA DE N. S.ª DOS OLIVAIS — Nave central e rosacea**
**Eglise de N. Dame des Olivais — Nef centrale et rosace**
**Church of St. Mary dos Olivais — Nave and Rose Window**

**EGREJA DE N. S.ª DOS OLIVAIS — Nave central e capella-mór**
Eglise de N. Dame des Olivais — Nef centrale et Chapelle principale
Church of St. Mary dos Olivais — Nave and Chancel

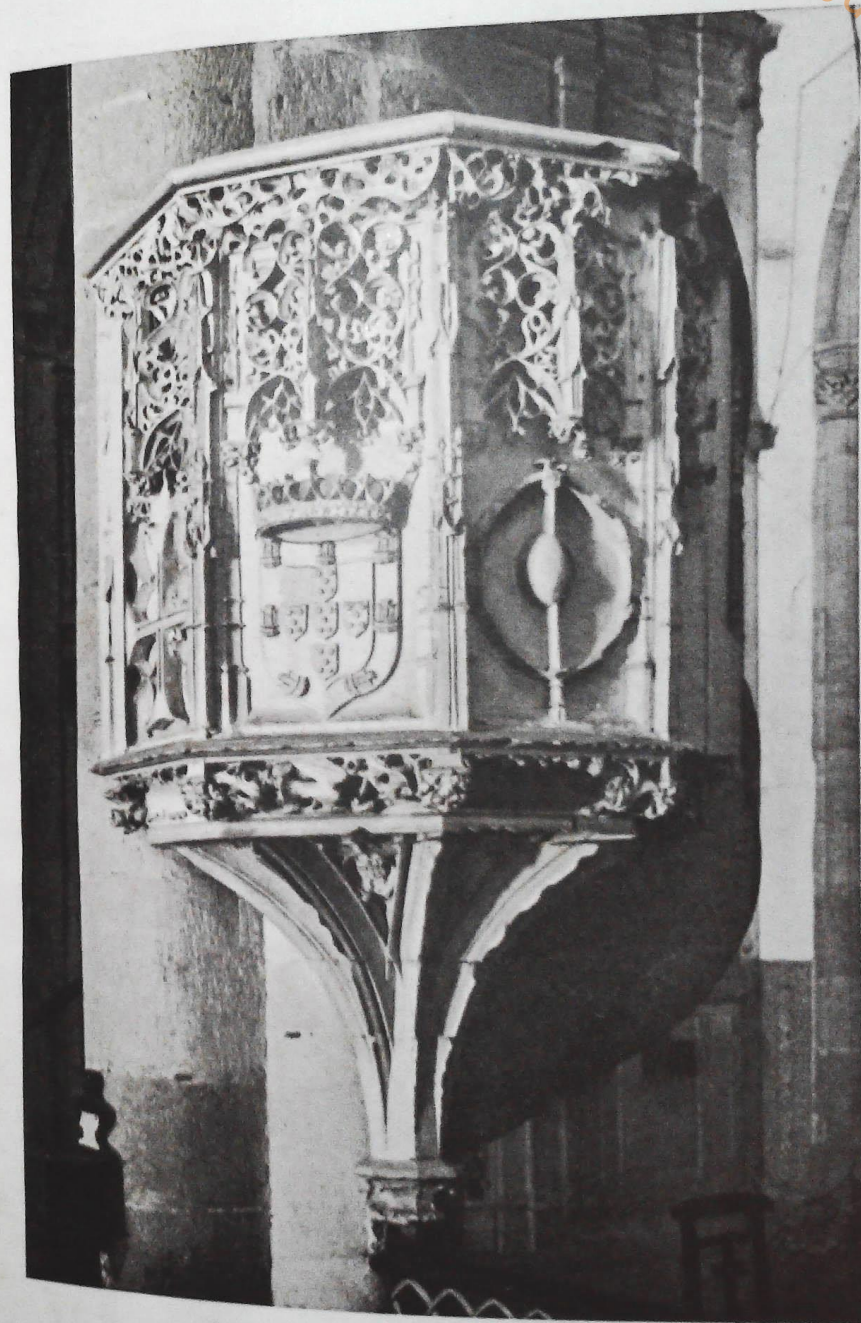
**IGREJA DE N. S.ª DOS OLIVAIS — Capella-mór com o tumulo de D. Diogo Pinheiro**
Eglise de N. Dame des Olivais — Chapelle principale et tombeau de Dom Diogo Pinheiro
Church of St. Mary dos Olivais — Chancel and tomb of D. Diogo Pinheiro

EGREJA DE S.ta IRIA — Portal lateral renascença e janella do côro
Eglise de Sainte-Iria — Portail latéral renaissance et fenêtre du choeur
Church of St. Iria — Side doorway renaissance and choir window

EGREJA DE S.ta IRIA — Capella dos Valles
Eglise de Sainte-Iria — Chapelle des Valles
Church of St. Iria — Chapel of the Valles

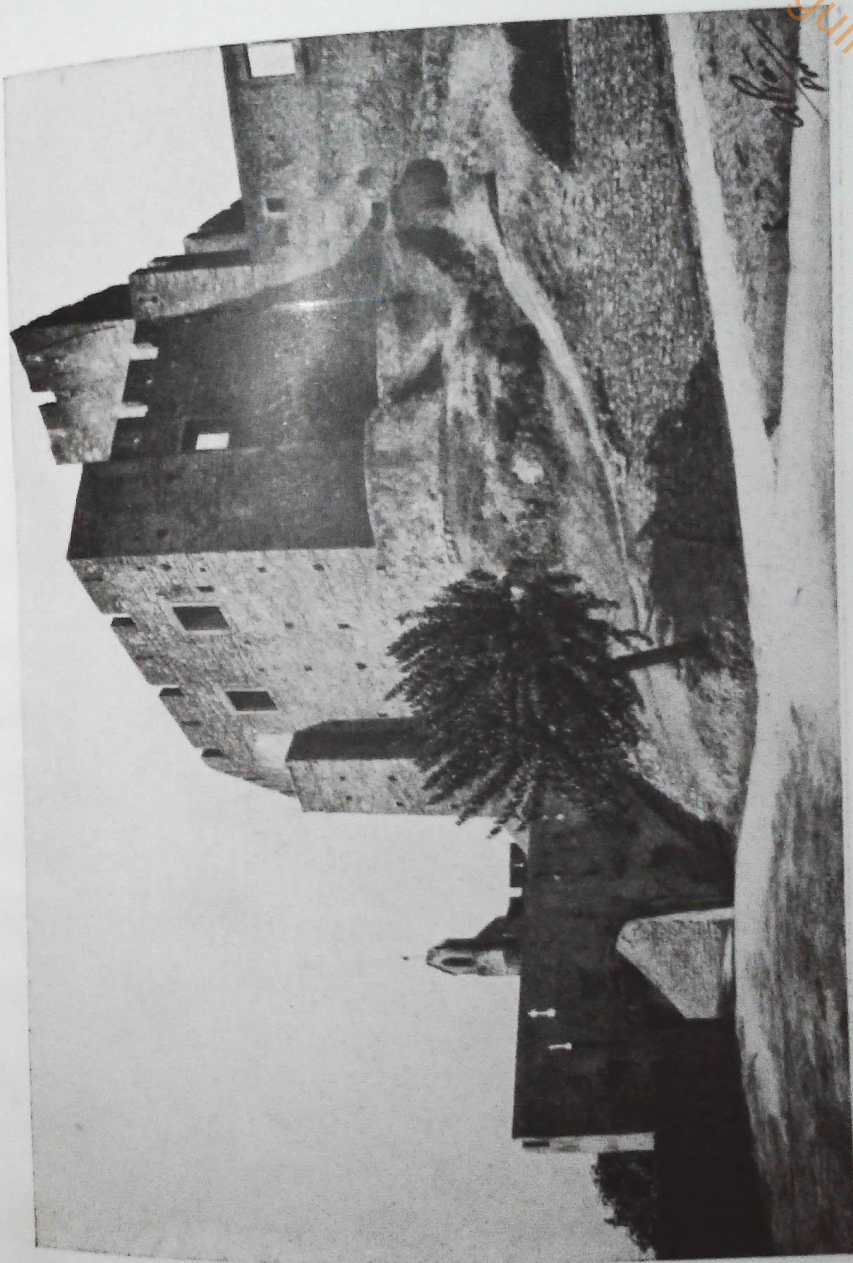
EGREJA DE S.ta IRIA — Retábulo da Capella dos Valles
Eglise de Sainte-Iria — Retable de la Chapelle des Valles
Church of St. Iria — Reredos of the Chapel of the Valles

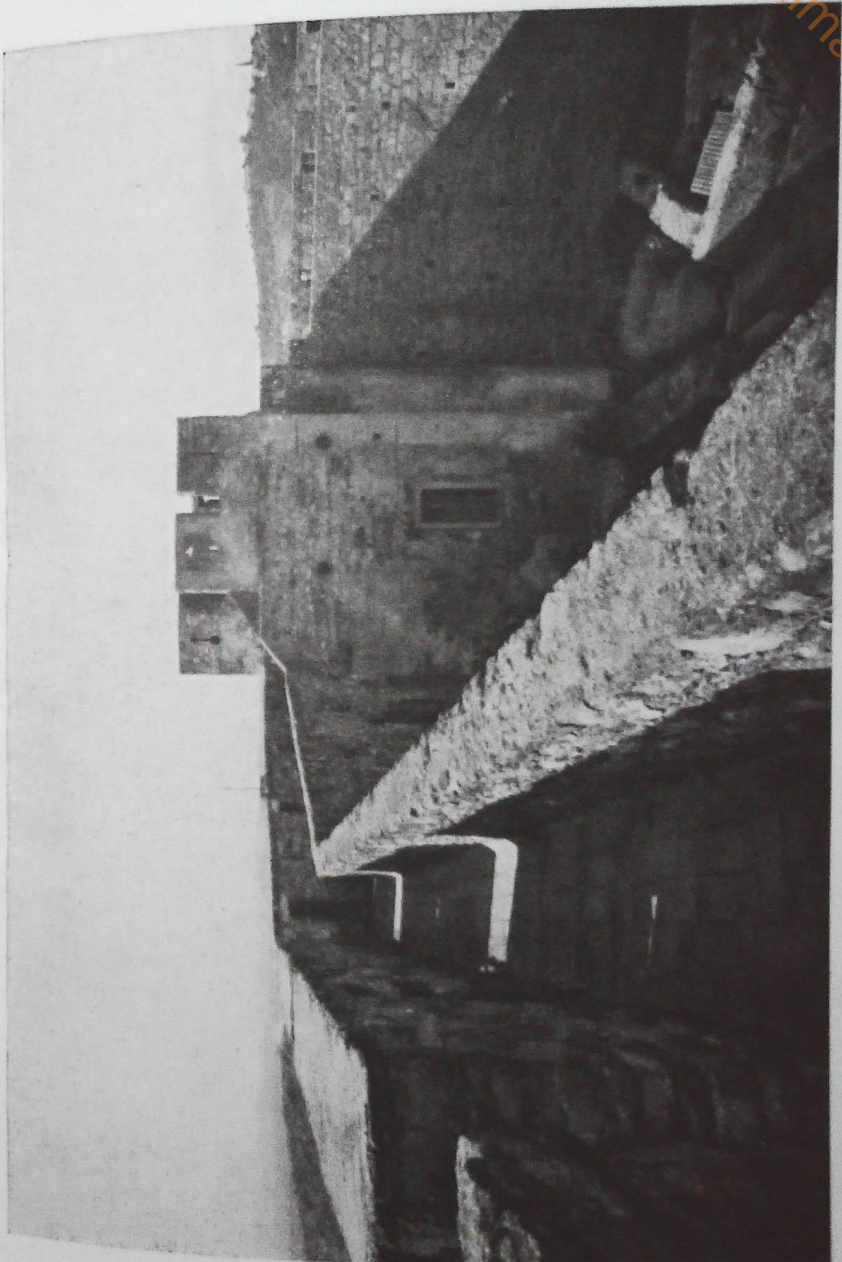
IGREJA DE S. JOÃO — Fachada e Torre
Eglise de Saint-Jean — Façade et tour
Church of St. John — Façade and tower

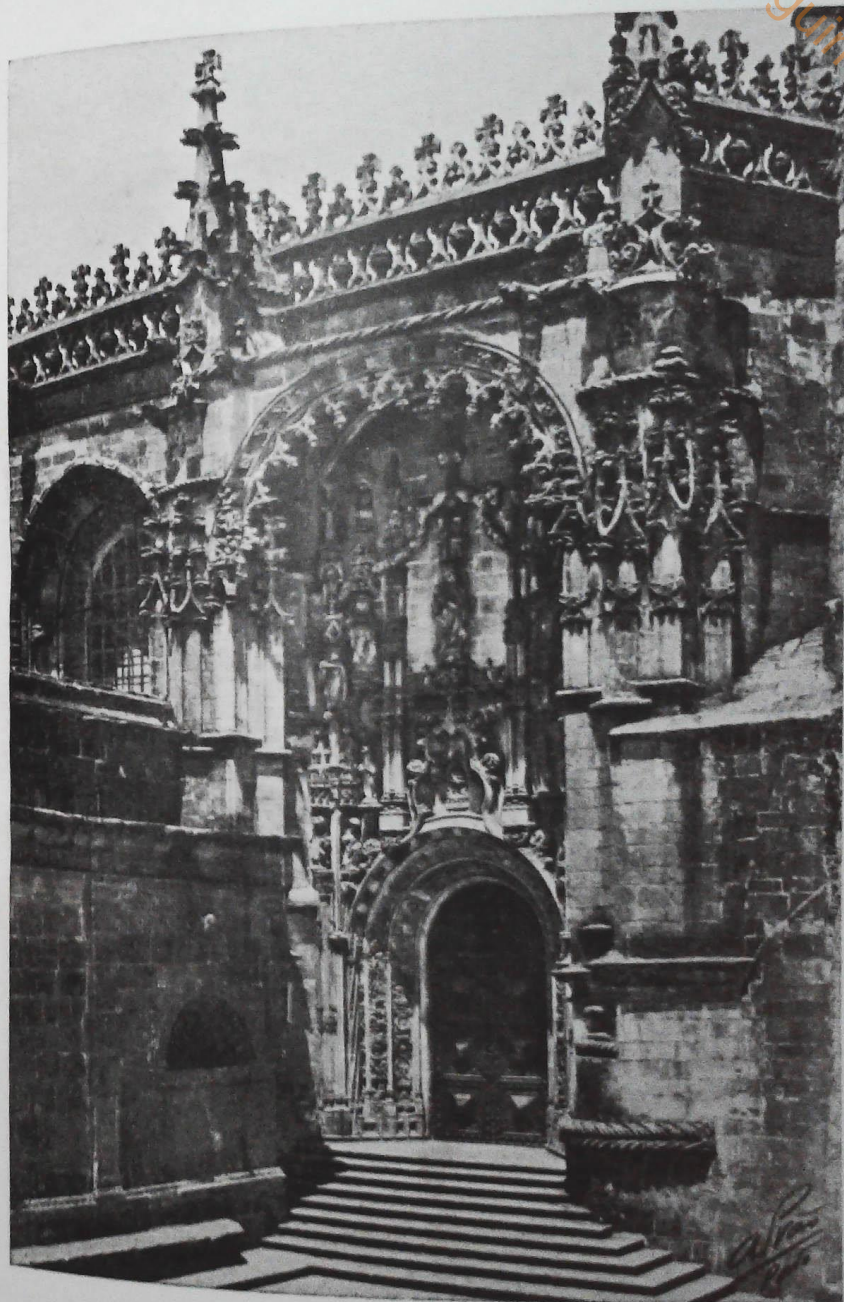
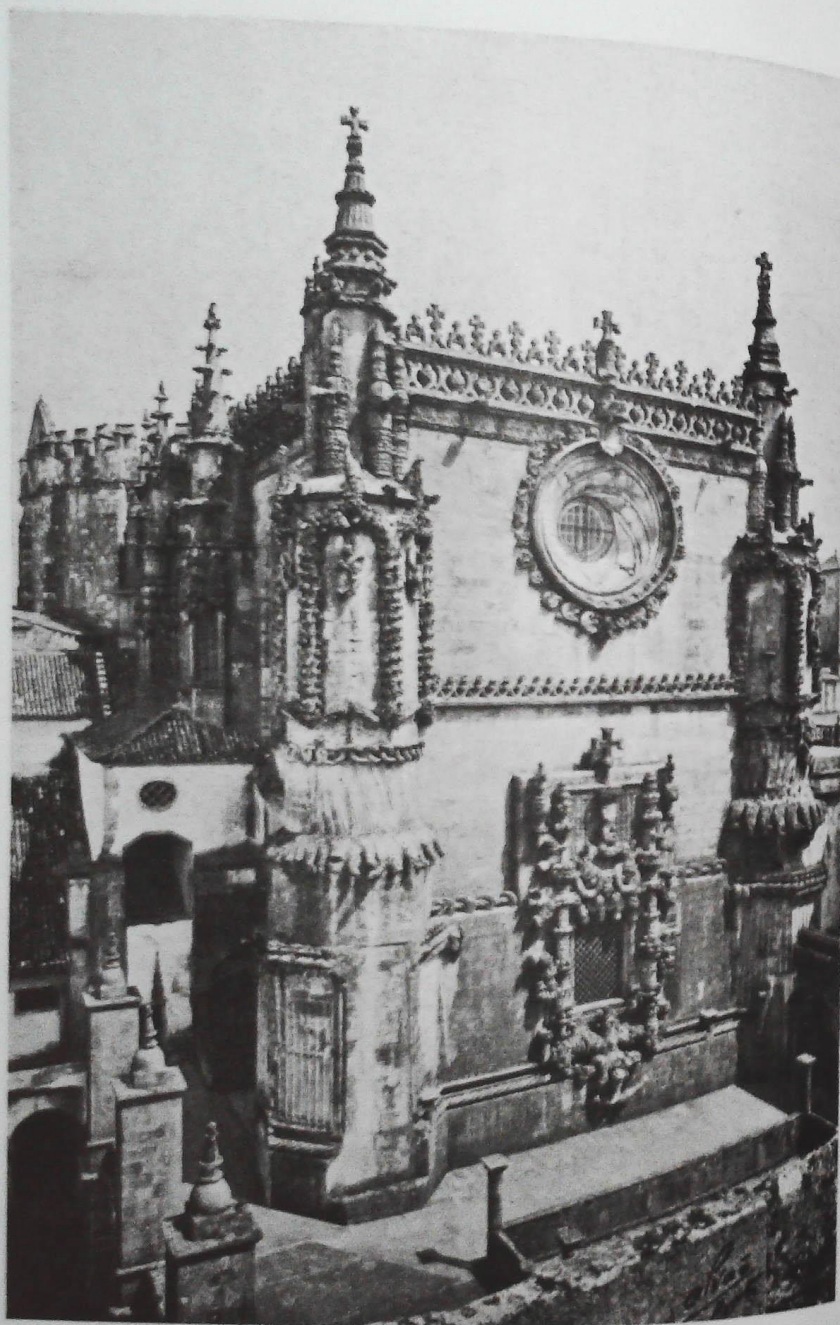
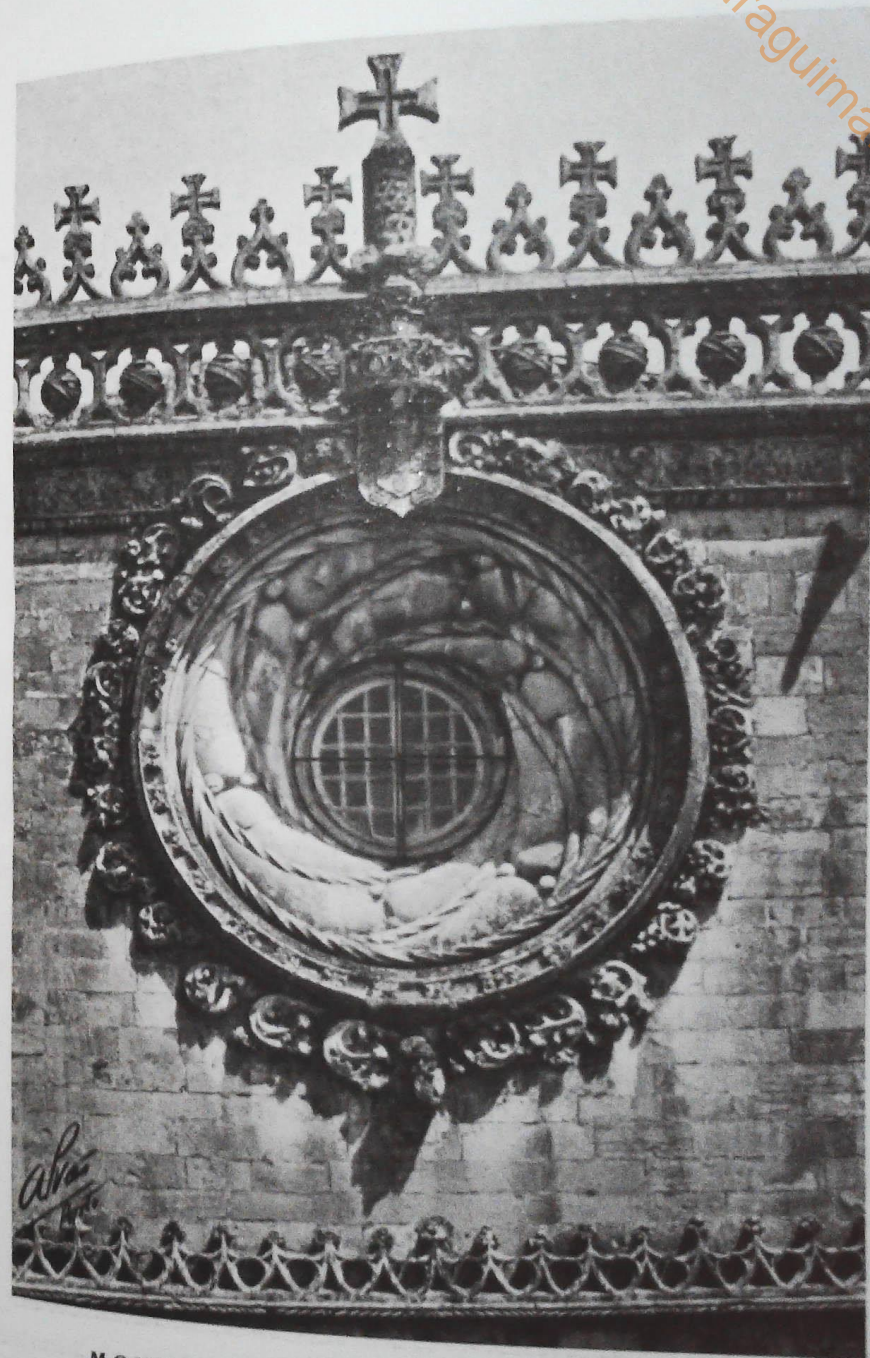
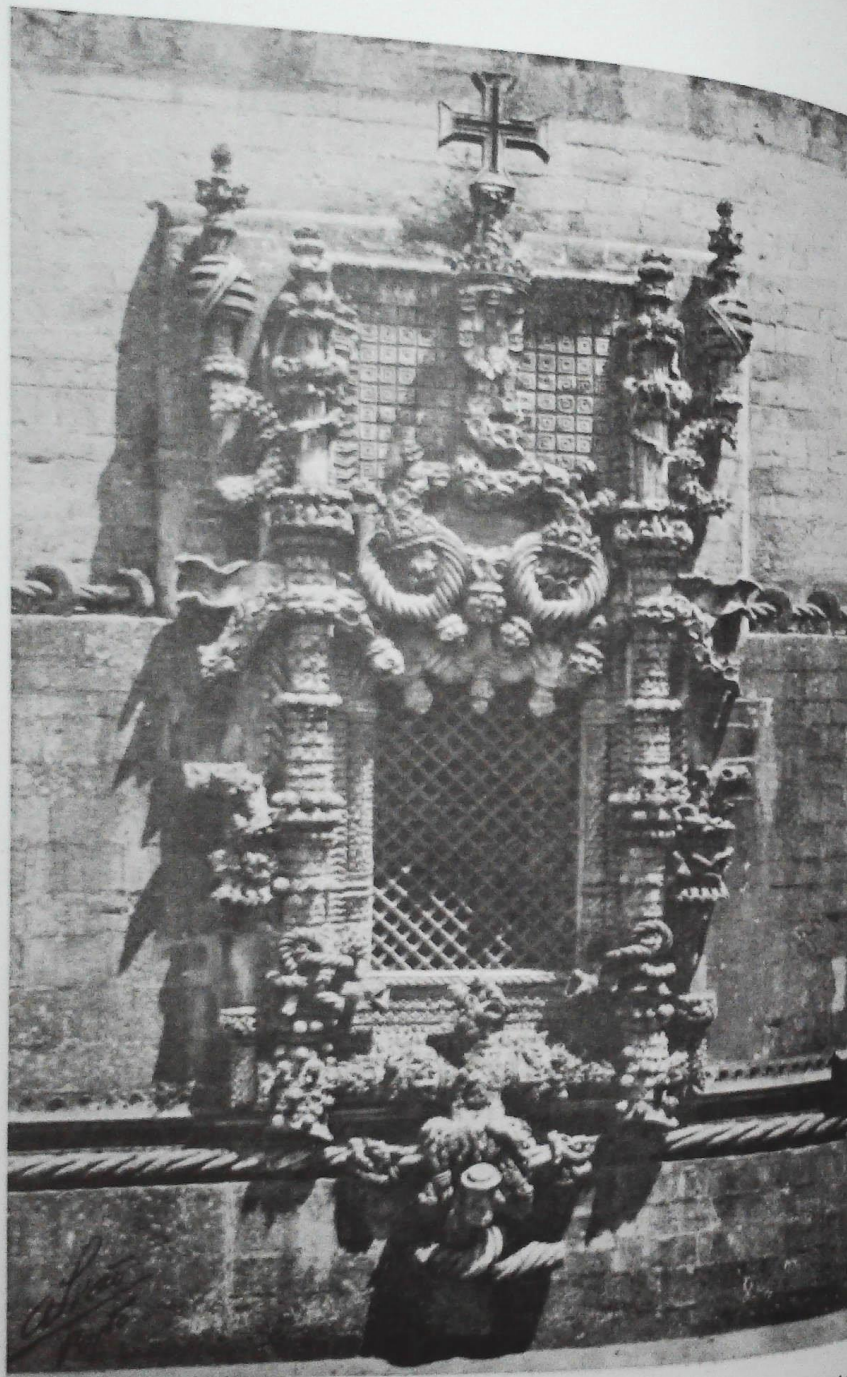
EGREJA DE S. JOÃO — Porta manuelina do norte
Eglise de Saint-Jean — Porte manueline septentrionale
Church of St. John — North door manuelino

EGREJA DE S. JOÃO — Púlpito manuelino
Eglise de Saint-Jean — Chaire manueline
Church of St. John — Pulpit manuelino

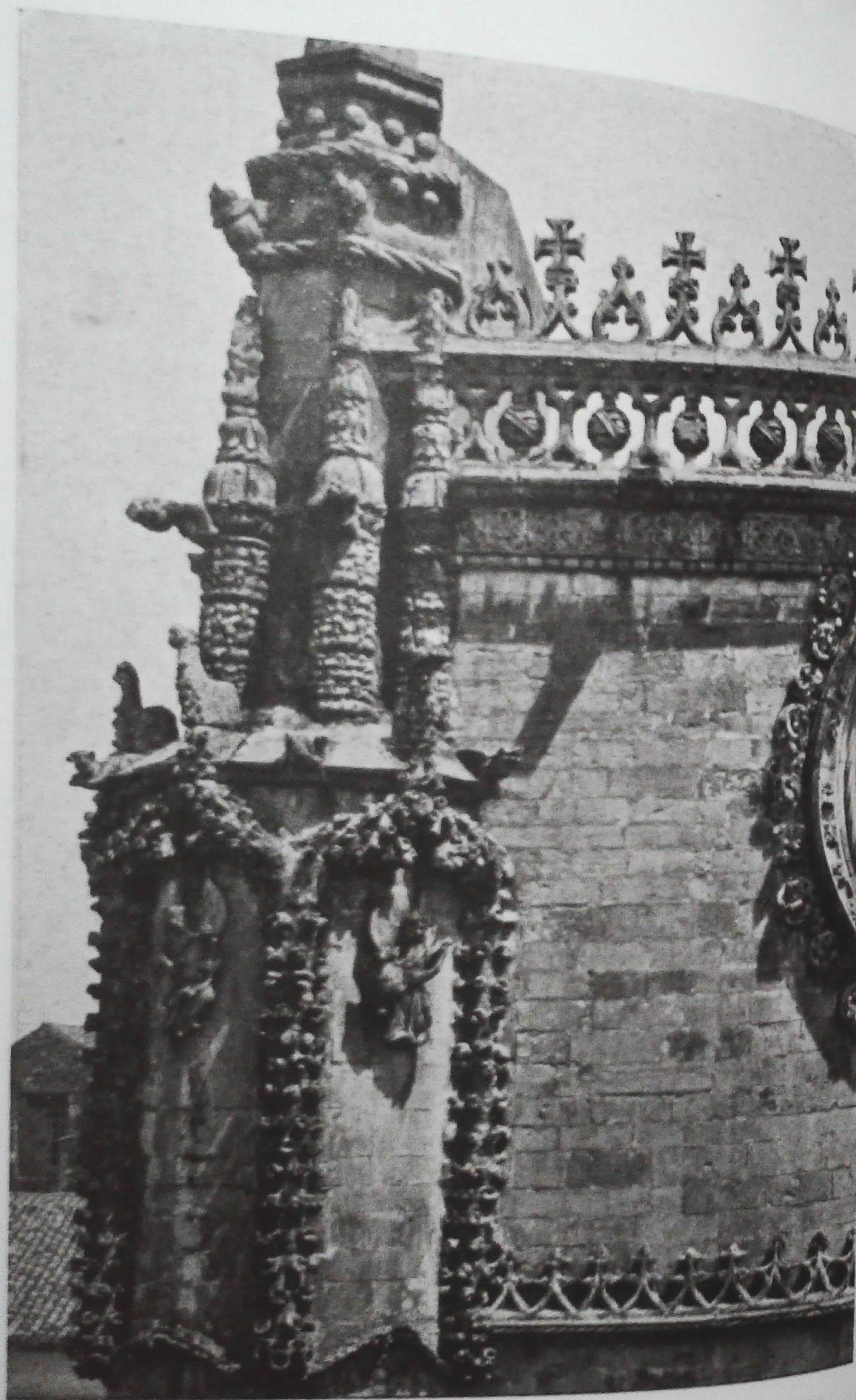
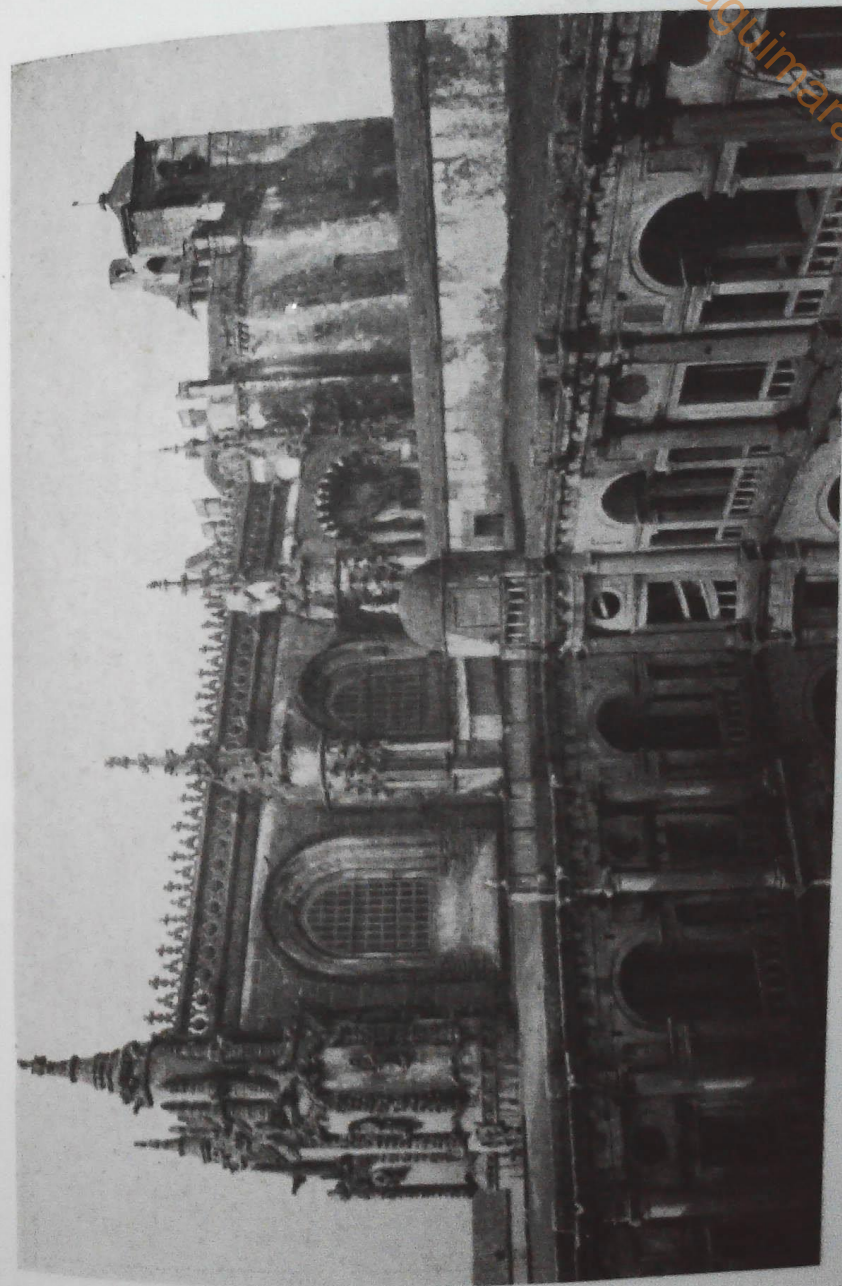
CAPELLA DE N. S. DA CONCEIÇÃO — Aspecto exterior
Chapelle de N.-D. de la Conception — Vue générale
Chapel of the Immaculate Conception — General view

**CAPELLA DE N. S. DA CONCEIÇÃO — Interior**
**Chapelle de N.-D. de la Conception — Intérieur**
**Chapel of the Immaculate Conception — Interior**

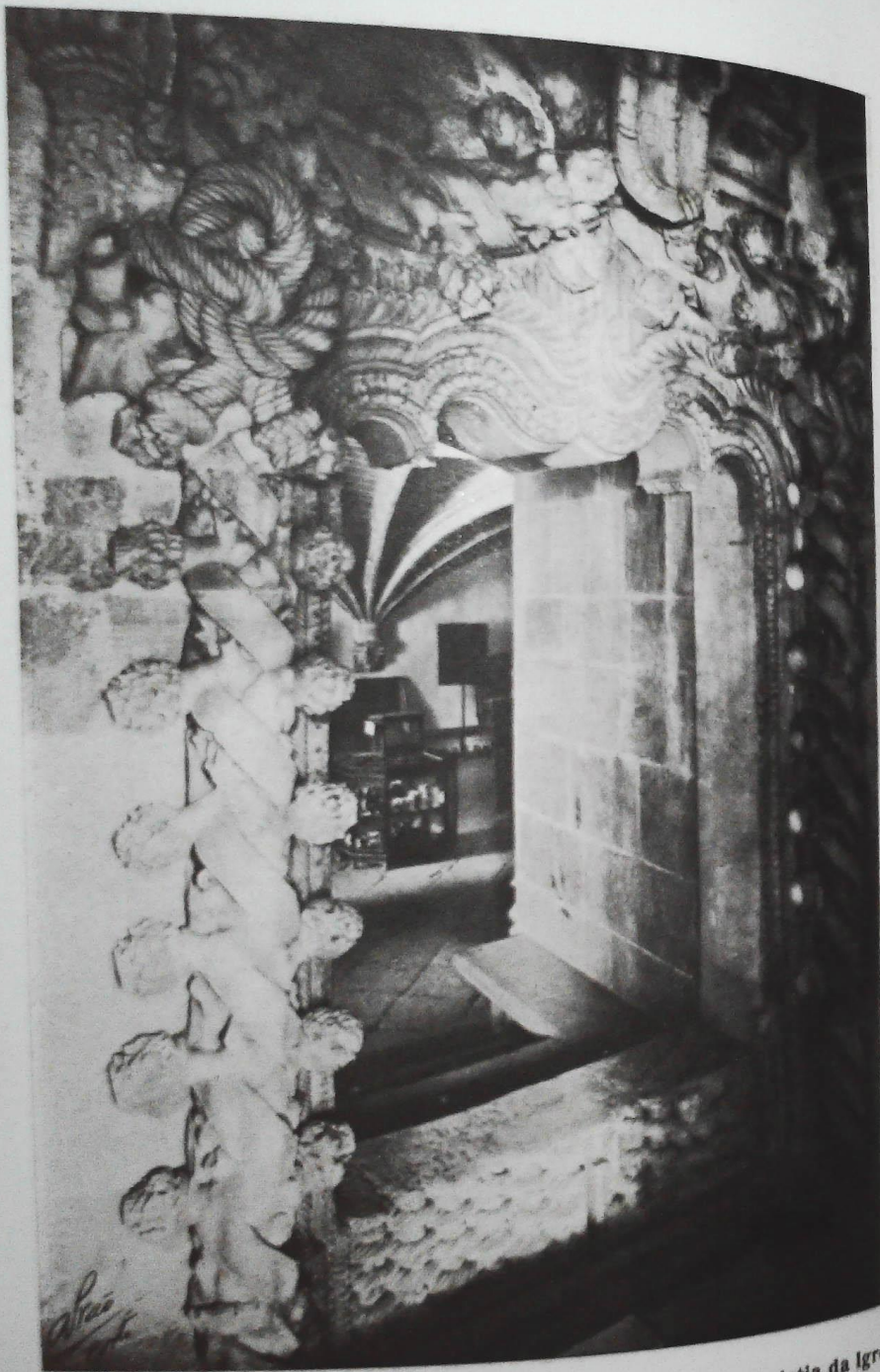
**MONUMENTO DE CHRISTO** — Vista geral das fachadas do norte e nascente
*Monuments du Christ* — Vue générale de la façade septentrionale
Monument of Christ — General view of north façade

**MONUMENTO DE CHRISTO** — Castelo. Porta de S. Tiago
Monuments du Christ — Porte de Saint-Jacques du Château
Monument of Christ — Door of S. Tiago (St. James) in the Castle

MONUMENTO DE CHRISTO — Alcáçova do Castelo
Monuments du Christ — Donjon du Château
Monument of Christ — Citadel of the Castle

MONUMENTO DE CHRISTO — Um adarve do Castello
Monuments du Christ — Un chemin de la muraille du Château
Monument of Christ — A way of the rampart of the Castle

**MONUMENTO DE CHRISTO — Campanario do sino de correr do Castello**
**Monuments du Christ — Clocher du tocsin du château**
**Monument of Christ — Curfew-bell tower of the Castle**

**MONUMENTO DE CHRISTO — Porta da Egreja**
**Monuments du Christ — Porte principale de l'Eglise**
**Monument of Christ — Main door of the Church**

**MONUMENTO DE CHRISTO** — Fachada occidental da Igreja
Monuments du Christ — Façade occidentale de l'Eglise
Monument of Christ — West façade of the Church

**MONUMENTO DE CHRISTO** — Rosacea da Igreja
Monuments du Christ — Rosace de l'Eglise
Monument of Christ — Rose Window of the Church

MONUMENTO DE CHRISTO — Janella do Baixo Côro ou Sachristia (fachada occidental)
Monuments du Christ — Fenêtre de la façade occidentale.
Monument of Christ — Window of the west façade

MONUMENTO DE CHRISTO — O marinheiro agarrado ás raizes dum carvalho na janella do Baixo Côro
Monuments du Christ — Le marin cramponné aux racines d'un chêne de la fenêtre de la façade occidentale de l'Eglise
Monument of Christ — The sailor clinging to the roots of an oak in the window of the west façade

**MONUMENTO DE CHRISTO** — Botaréo do cunhal esquerdo da Igreja
Monuments du Christ — Contre-fort d'angle de l'Eglise
Monument of Christ — Angle buttress of the Church

**MONUMENTO DE CHRISTO** — Parte alta da Igreja e do Claustro de D. João III
Monuments du Christ — Partie haute de l'Eglise et du Cloitre de Dom Jean III
Monument of Christ — Upper part of Church and Cloister of D. João III

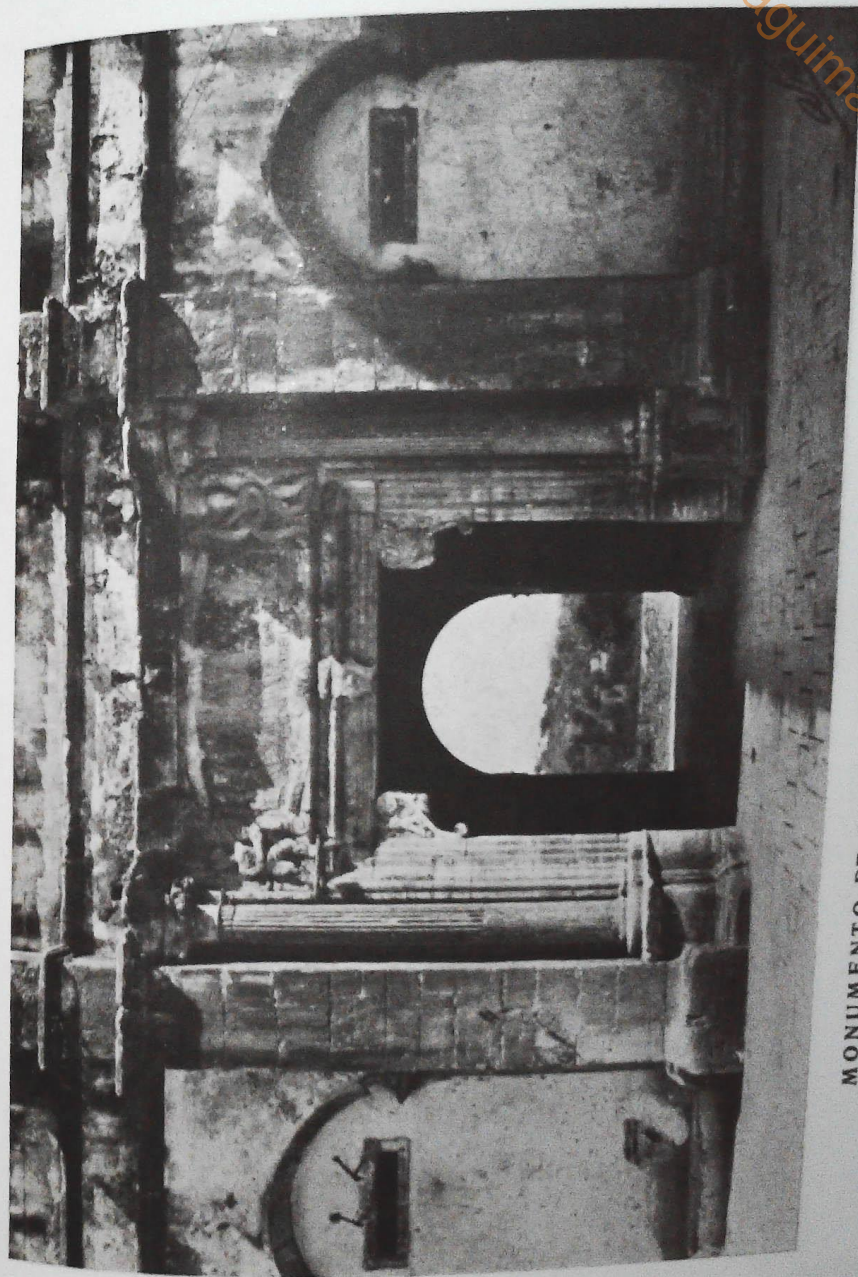
MONUMENTO DE CHRISTO — Charóla
Monuments du Christ — Ambulatoire
Monument of Christ — "Charóla„ (Circular barrel-vaulted aisle)

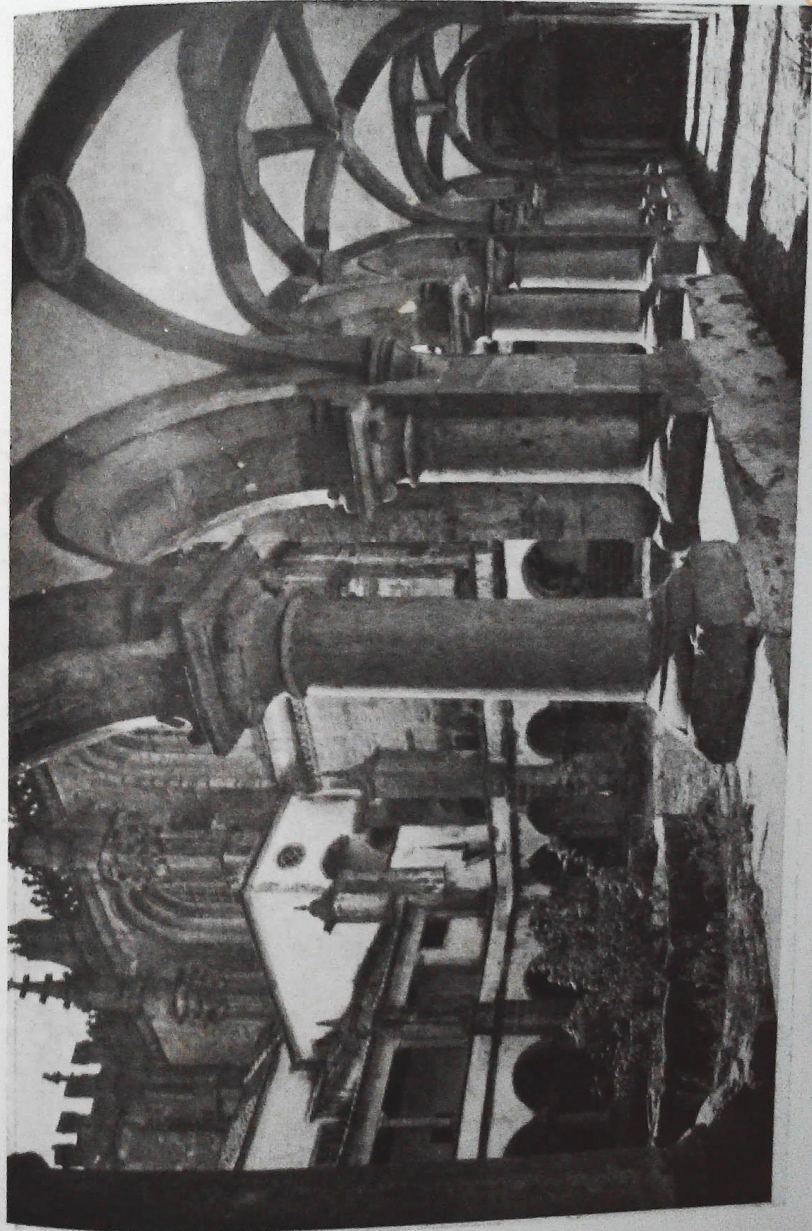
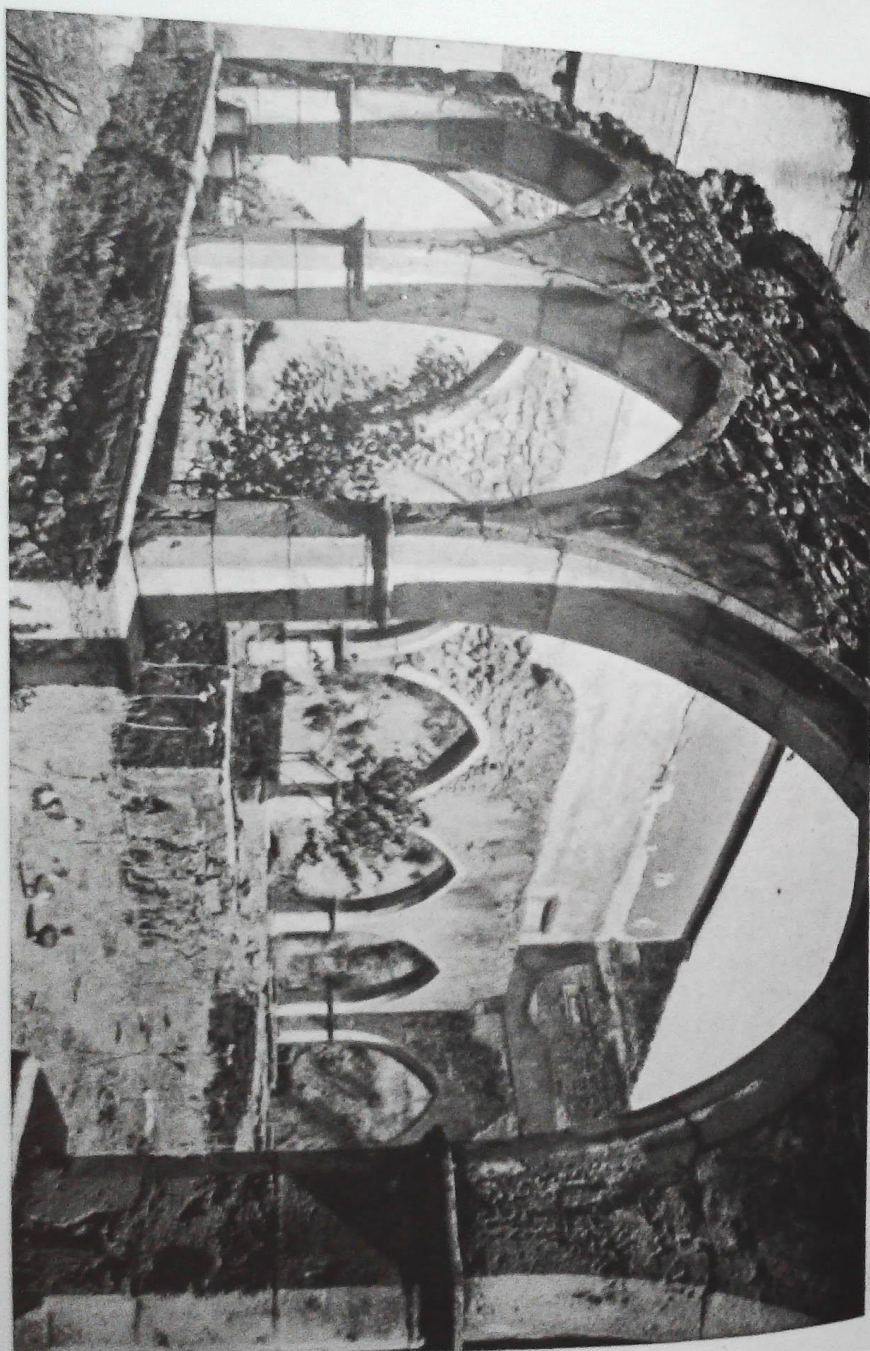
MONUMENTO DE CHRISTO — Interior e altar da Charóla
Monuments du Christ — Intérieur et autel de l'ambulatoire
Monument of Christ — Interior and altar of the "Charóla„

**MONUMENTO DE CHRISTO**—Porta (outróra janella) da sachristia da Igreja
Monuments du Christ — Porte (autrefois fenêtre) de la sacristie de l'église
Monument of Christ — Sacristy door (formerly window)

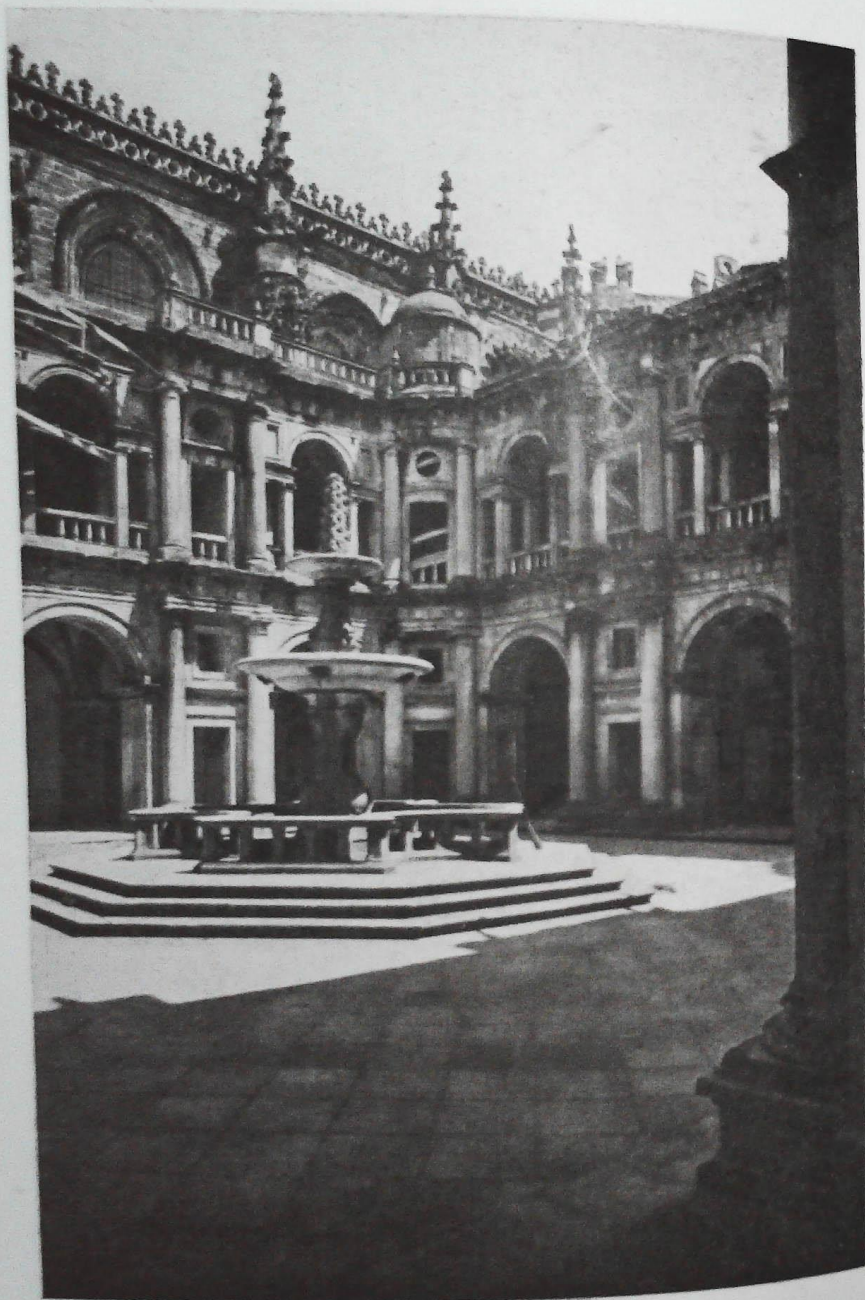
**MONUMENTO DE CHRISTO** — Um púlpito do Refeitorio
Monuments du Christ — Une chaire du réfectoire
Monument of Christ — Pulpit in the Refectory

**MONUMENTO DE CHRISTO** — Um dos corredores das cellas
Monuments du Christ — Un corridor des cellulles
Monument of Christ — Corridor between the cells

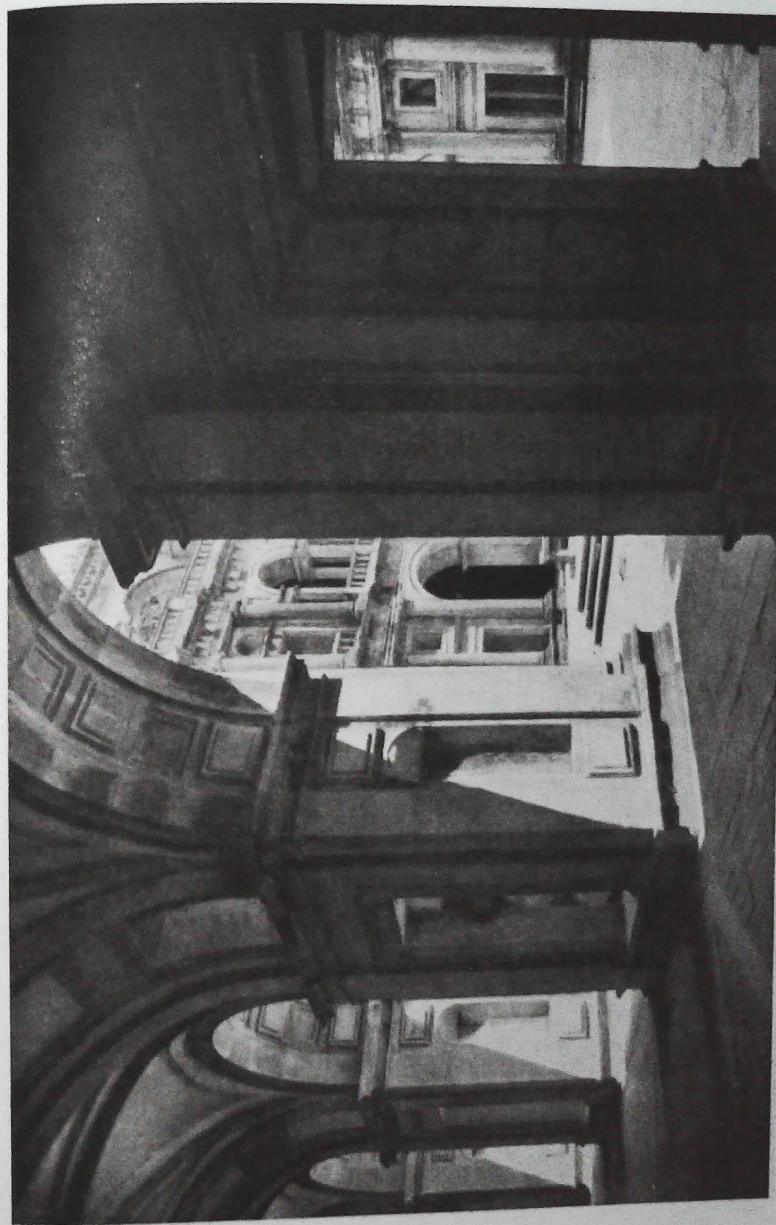
**MONUMENTO DE CHRISTO** — Ruinas da Casa do Capitulo
Monuments du Christ — Ruines du Chapitre
Monument of Christ — Ruins of the Chapter-house

MONUMENTO DE CHRISTO — Claustro de S.ta Bárbara
Monuments du Christ — Cloître de Sainte-Barbe
Monument of Christ — Cloister of St. Bárbara

MONUMENTO DE CHRISTO — Interior da porta do Claustro da Mixa
Monuments du Christ — Intérieur de la porte du Cloître de la Mixa
Monument of Christ — Inside of doorway of the cloister of the Mixa

**MONUMENTO DE CHRISTO** — Claustro do Infante D. Henrique ou do Cemiterio
Monuments du Christ — Cloître de l'Infant D. Henri ou du Cimetière
Monument of Christ — Cloister of the Infante D. Henrique or of the Cemitery

**MONUMENTO DE CHRISTO** — Claustro da Hospedaria (em ruinas)
Monuments du Christ — Cloître de l'Hôtellerie
Monument of Christ — Cloister of the Hospedaria

MONUMENTO DE CHRISTO — Claustro da Lavagem
Monuments du Christ — Cloître du Lavatoire
Monument of Christ — Cloister of the Lavagem (Lavatory)

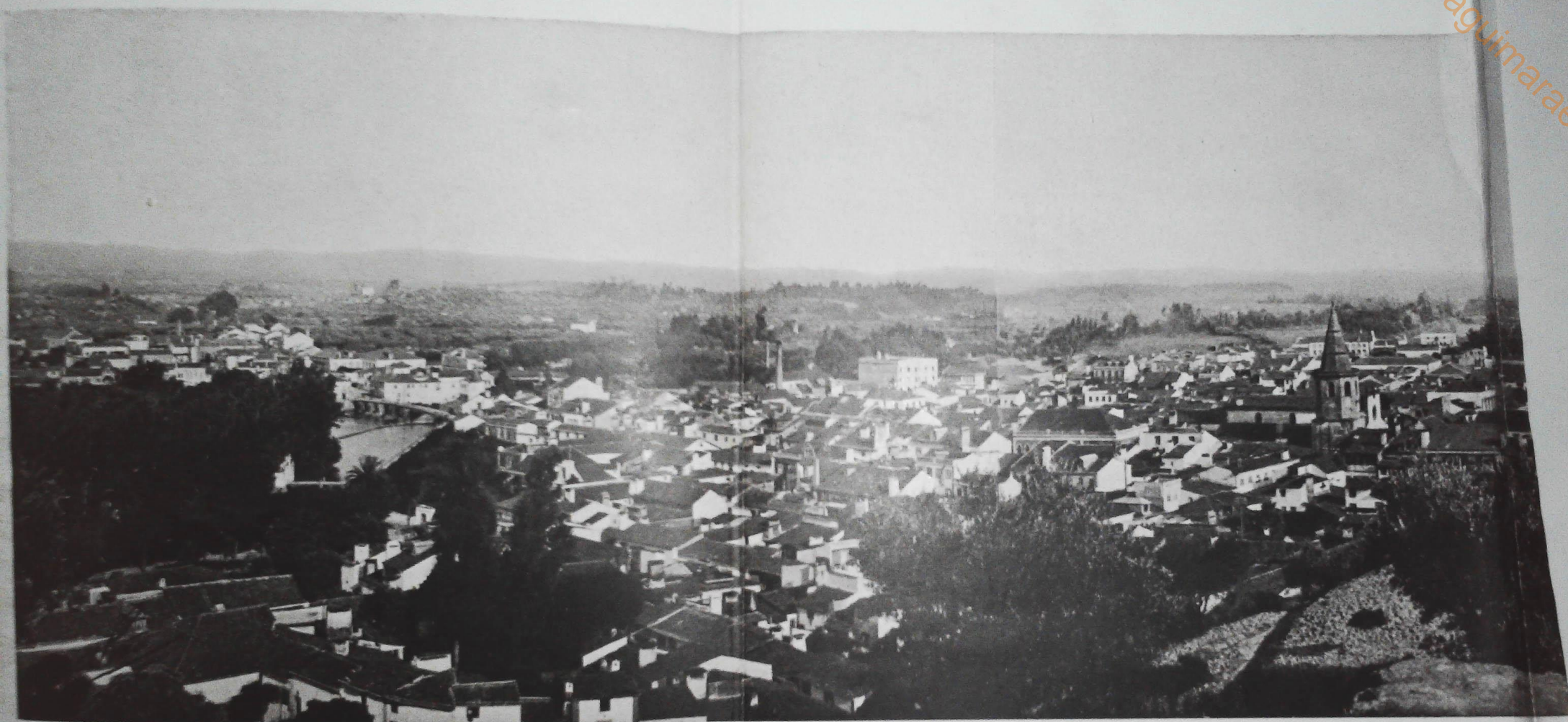
MONUMENTO DE CHRISTO — Claustro de D. João III (pórticos ou galerias superiores)
Monuments du Christ — Cloître de D. Jean III (portiques ou galeries supérieures)
Monument of Christ — Cloister of D. João III (upper porticoes or galleries)

MONUMENTO DE CHRISTO — Claustro de D. João III um angulo dos pórticos e o chafariz

Monuments du Christ — Cloître de D. Jean III — Un des angles des portiques et la fontaine

Monument of Christ — Cloister of D. João III (one of the angles of the porticoes and the fountain)

MONUMENTO DE CHRISTO — Claustro de D. João III — um pórtico inferior

Monuments du Christ — Cloître de D. Jean III — un portique inférieur

Monument of Christ — Cloister of D. João III — a inferior portico

MONUMENTO DE CHRISTO — Pégões do acqueducto
Monuments du Christ — Culées de l'aqueduc
Monument of Christ — Abutments of aqueduct

RAMA

PANORAMA

# MONUMENTOS DE PORTUGAL

**Collecção de Vulgarisação Artistico-Monumental**
**sob o alto patrocinio da**
**ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES**

Embora não seja, em conjuncto, de notavel imponencia o patrimonio artistico-monumental portuguez, é mui valioso e interessante e offerece excellentes e uteis licções d'arte a todos os que se entregam ao seu estudo. Propagar o conhecimento das preciosidades artisticas da nossa patria, facilitál-os a toda a gente, é o empenho que nos move n'esta empreza, que será constituida por uma série de cincoenta volumes com abundante reproducção photographica dos melhores e mais frisantes aspectos dos nossos monumentos.

**VOLUMES PUBLICADOS :**

**I — Mosteiro da Batalha—pelo Dr. Vergilio Correia.**

**II — Thomar — (Convento de Christo e egrejas dos Olivais, S. João, Santa Iria e Conceição),—pelo Dr. Vieira Guimarães.**

**VOLUMES NO PRÉLO :**

**III — Porto I (Cathedral e egrejas de Cedofeita e S. Francisco)—pelo Dr. Carlos de Passos.**

**IV—Alcobaça—pelo architecto Ernesto Korrodi.**

**V — Leiria (Sé, Castello, S. Pedro, Encarnação e Pena)—pelo Dr. José Saraiva.**

**VI— Cintra (Palacios da Pena e da villa e dos Mouros), por Nuno Catharino Cardoso.**

**VII — Mafra—por João Paulo Freire.**